



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Cyberbullying: um fenómeno emergente nos jovens portugueses

Liliana Andreia Suspiro Rodrigues

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro Pessoa e pelo Professor Doutor João da Silva Amado, apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores.

Setembro de 2013

A presente Tese de Mestrado insere-se no âmbito das atividades de formação do projeto *Cyberbullying: um diagnóstico da situação em Portugal*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Programa Operacional Temático Fatores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER, com a referência: PTDC/CPE-CED/108563/2008.

«Não estou cegamente entusiasmado pela tecnologia. A lista de exemplos sobre o modo como a sociedade utilizou inovações tecnológicas é aterradora. Primeiro fizemos centenas de milhões de automóveis e só depois é que nos preocupámos em remediar os prejuízos causados pela desfiguração das nossas cidades, a poluição atmosférica e a alteração do modo de vida dos nossos adolescentes. Porque razão nós, enquanto sociedade, faremos melhor desta vez?»

A Família em Rede de Seymour Patert (1997, p. 19).

Agradecimentos

À professora doutora Teresa Pessoa e ao professor doutor João Amado por todo o empenho, dedicação, disponibilidade e competência que demonstraram durante todo o processo de construção da tese. Um agradecimento especial à professora doutora Teresa Pessoa pelo companheirismo e pela motivação que me deu durante todas aquelas horas de reuniões e pela sua presença em todos os momentos.

A toda a equipa do projeto *Cyberbullying: um diagnóstico da situação em Portugal*, pela autorização para utilizar o questionário elaborado no âmbito do mesmo, pelo acesso à base de dados e por todo o apoio prestado que foi imprescindível para a elaboração do presente estudo.

À direção e aos professores do Colégio Rainha Santa Isabel de Coimbra e do Instituto Vasco da Gama de Ansião pela disponibilidade e colaboração na distribuição e recolha dos questionários.

À doutora Ana Isabel Athayde do Serviço de Psicologia e Orientação do Colégio Rainha Santa Isabel por todo o acompanhamento e ajuda prestada como intermediária entre mim, os encarregados de educação e os professores na distribuição e recolha dos questionários.

Aos meus pais por todo o carinho, apoio e orgulho demonstrado nos momentos mais difíceis e por acreditarem sempre em mim.

À minha irmã Sílvia que esteve sempre presente para me apoiar, motivar e ajudar em todos os momentos.

À Cris e à Cristi pelo apoio e pela ajuda valiosa que me deram naquelas horas infinitas de inserção de dados no SPSS.

A todos os meus colegas de trabalho pela preocupação e pela motivação que me deram.

Ao meu namorado João Pedro por ser o meu porto de abrigo.

Resumo

A presente investigação teve como objetivo verificar a ocorrência e frequência do cyberbullying em duas escolas situadas em contextos sócio demográficos distintos. Para além disso, pretendeu-se verificar os tipos de cyberbullying praticados, os meios e equipamentos usados, os motivos e os sentimentos gerados pelo cyberbullying, tanto na perspetiva das vítimas como na perspetiva dos agressores. Pretendeu-se também observar as percepções dos participantes quanto às relações com a família e quanto ao ambiente na escola.

A amostra é constituída por 467 alunos pertencentes aos distritos de Coimbra e Leiria, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, que frequentam o 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano de escolaridade.

Os resultados demonstram que 10,1% admitiram ter sofrido de cyberbullying pelo menos uma vez no último ano e 5,1% confessaram ter sido agressores.

Os dados obtidos revelam um cenário preocupante perante um tema cada vez mais emergente na nossa sociedade, acompanhado pela constante evolução das tecnologias da informação e comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: cyberbullying; vítimas; agressores; bullying; tecnologias.

Abstract

The present investigation aimed to verify the occurrence and frequency of cyberbullying in two schools located on different socio demographic contexts. In addition, we sought to verify the types of cyberbullying practiced, means and equipment, the motives and feelings generated by cyberbullying, from the victims and aggressors perspective. It was intended to also observe the participants' perceptions regarding relationships with family and within school's environment.

The sample consists of 467 students from the districts of Coimbra and Leiria, aged between 9 and 16 years, attending the 5th, 6th, 7th, 8th and 9th grade.

The results demonstrate that 10.1% admitted having suffered cyberbullying at least once in the last year and 5.1% admitted having been aggressors.

The data shows a worrying scenario before a theme emerging in our society, accompanied by the evolution of information technologies and communication.

KEYWORDS: cyberbullying; victims; aggressors; bullying; technologies.

Índice

Introdução.....	6
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	8
Capítulo 1 - Do <i>bullying</i> ao <i>Cyberbullying</i>	9
1.2. Tipologias comportamentais do <i>cyberbullying</i>	14
1.3. O anonimato	15
1.4. O <i>cyberbullying</i> na adolescência	16
1.5. Pais, professores e o código do silêncio	17
Capítulo 2 - <i>Cyberbullying</i> em Portugal.....	18
PARTE II - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	24
Capítulo 3 – Metodologia da investigação	24
3.1. Descrição do estudo.....	24
3.2. Objectivos e questões da investigação	25
3.3. Constituição da amostra	26
3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	26
3.5. Procedimentos da recolha de dados.....	27
3.6. Tratamento dos dados recolhidos.....	29
Capítulo 4 – Apresentação e descrição dos resultados	29
4.1. Sujeitos da amostra.....	29
4.2. Utilização do telemóvel e computador	30
4.3. <i>Cyberbullying</i> : incidência, ocorrência e impacto segundo as vítimas.....	31
4.4. <i>Cyberbullying</i> : incidência, ocorrência e impacto segundo os agressores.....	42
4.5. Perceção dos participantes quanto à denúncia do <i>cyberbullying</i> : a quem pedir ajuda?.....	43
4.6. As relações na família e o ambiente na escola segundo a perspectiva dos participantes.....	54
Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados	63

Bibliografia.....	81
Anexos.....	86

Índice de quadros

Quadro 1 – Frequência e ocorrência do *cyberbullying*.... **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 2 – Frequência e ocorrência do *cyberbullying*: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e pelo Instituto Vasco da Gama **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 3 – Quantidade e percentagem de vítimas **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 4 – Quantidade e percentagem de vítimas: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 5 – Incidência do *cyberbullying* consoante o género**Erro! Marcador não definido.**

Quadro 6 – Equipamentos usados segundo as vítimas **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 7 – Meios utilizados segundo as vítimas **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 8 – Autor(es) das agressões **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 9 – Quantidade de agressores considerados colegas de escola pelas vítimas
Erro! Marcador não definido.

Quadro 10 – Relação pessoal com os agressores na perspetiva das vítimas**Erro! Marcador não definido.**

Quadro 11 – Tipo de relação pessoal com os agressores na perspetiva das vítimas .**Erro! Marcador não definido.**

Quadro 12 – Tipos de *cyberbullying*: frequência segundo as vítimas**Erro! Marcador não definido.**

Quadro 13 - Tipos de *cyberbullying*: percentagem de ocorrência no total de vítimas
Erro! Marcador não definido.

Quadro 14 - Tipos de *cyberbullying*: percentagem de ocorrência na amostra total ..**Erro! Marcador não definido.**

Quadro 15 – Sentimentos das vítimas perante o *cyberbullying***Erro! Marcador não definido.**

Quadro 17 – Reações das vítimas após as agressões: quantidades e percentagens ...**Erro! Marcador não definido.**

Quadro 18 – Repercussões no *cyberbullying* após a reação das vítimas **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 19 – Ano de escolaridade em que ocorreram as agressões segundo as vítimas **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 20 – Frequência da prática do *cyberbullying* segundo os agressores **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 21 – Frequência da prática do *cyberbullying* segundo os agressores: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 22 – Quantidade e percentagem de agressores e não agressores **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 23 – Agressores e não agressores: comparação de resultados entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 24 – *Cyberbullies* consoante o género **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 25 – Equipamentos usados para a prática do *cyberbullying* segundo os agressores **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 26 – Meios usados para a prática do *cyberbullying* segundo os agressores . **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 27 – Prática do *cyberbullying*: individual ou em grupo **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 28 – Destinatários das agressões segundo os *cyberbullies* **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 29 – Quantidade e percentagem de vítimas/colegas de escola, segundo os *cyberbullies*..... **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 30 – Relação pessoal com as vítimas na perspetiva dos agressores **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 31 – Tipo de relação pessoal com as vítimas na perspetiva dos agressores . **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 32 – Frequência dos tipos de *cyberbullying* praticados pelos agressores..... **Erro! Marcador não definido.**

- Quadro 33 – Tipos de *cyberbullying* praticados pelos agressores: quantidade e percentagem de ocorrência **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 34 – Ocorrência dos tipos de *cyberbullying* consoante o género dos agressores
Erro! Marcador não definido.
- Quadro 35 – Perspetiva dos *cyberbullies* quanto aos sentimentos das vítimas **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 36 – Motivos para a prática do *cyberbullying* segundo os agressores **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 37 – Sentimentos gerados nos agressores aquando a prática do *cyberbullying*
Erro! Marcador não definido.
- Quadro 38 – Acontecimentos após as agressões segundo os *cyberbullies* **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 39 – Ano de escolaridade dos *cyberbullies* aquando as agressões **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 40 – As vítimas de *cyberbullying* e a quem podem pedir ajuda: perspetiva dos participantes **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 41 – As relações na família do ponto de vista dos participantes segundo a Escala de Likert **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 42 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com escala simplificada (Concordo e Discordo) **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 43 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 44 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre vítimas e não vítimas **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 45 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes segundo a Escala de Likert **Erro! Marcador não definido.**
- Quadro 46 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo) **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 47 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama..... **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 48 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre as vítimas e as não vítimas**Erro! Marcador não definido.**

Introdução

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) têm vindo a assumir uma posição cada vez mais dominante na sociedade atual. O acesso à internet está nos dias de hoje disponível a partir de casa e do telemóvel tendo-se tornado numa ferramenta indispensável na vida quotidiana dos portugueses. No que diz respeito aos telemóveis, existem mesmo mais cartões ativos em Portugal do que habitantes. A constante evolução das tecnologias a que se assistiu nos últimos anos e a questão da violência escolar trouxe consigo um novo fenómeno: o *cyberbullying*.

O presente estudo surgiu da necessidade de verificar a ocorrência do *cyberbullying* nos jovens portugueses e foi inserido no projeto *Cyberbullying: um diagnóstico da situação em Portugal*, tendo sido utilizado o questionário que foi construído nesse âmbito.

O enquadramento teórico respeitante à Parte I do estudo foi organizado em dois capítulos.

No primeiro capítulo é apresentado o caminho percorrido desde o aparecimento do conceito de *bullying* até ao *cyberbullying*. A evolução das tecnologias da informação e comunicação foi um fator determinante, pelo que serão apresentados vários estudos que confirmam a crescente utilização dos meios tecnológicos pela população portuguesa. O mesmo capítulo destina-se a descrever e a caracterizar o conceito de *cyberbullying* segundo a perspetiva de vários autores que se debruçaram sobre o tema. Serão abordados temas como os vários tipos de *cyberbullying*, o anonimato, as consequências do *cyberbullying* na adolescência, o papel dos pais e professores e o código do silêncio.

No segundo capítulo é traçado o panorama em Portugal no que diz respeito ao tema do *cyberbullying*. Serão apresentados estudos realizados no que respeita à compreensão do fenómeno no nosso país, assim como projetos direcionados para o combate e para a prevenção do *cyberbullying*.

A Parte II do estudo é reservada à investigação empírica, sendo constituída pelo terceiro, quarto e quinto capítulo.

O terceiro capítulo destina-se à apresentação da metodologia da investigação, sendo apresentada a descrição do estudo, os objetivos e questões da investigação, a constituição da amostra, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, os procedimentos para a recolha dos dados e o tratamento dos dados recolhidos.

No quinto capítulo serão apresentados os dados, acompanhados por uma descrição dos resultados. A descrição sócio demográfica dos sujeitos da amostra, a frequência e utilização do telemóvel e computador, a incidência, ocorrência e impacto do *cyberbullying* nas vítimas e nos agressores, a opinião dos jovens face a quem devem pedir ajuda, a perceção dos participantes quanto às relações com a família e quanto ao ambiente na escola são os sub-temas abordados.

O sexto capítulo destina-se à análise e discussão dos resultados, comparando os mesmos a alguns estudos efetuados e segundo a perspectiva de vários autores e de alguns dos testemunhos recolhidos nos questionários.

A última parte do trabalho é reservada às considerações finais do estudo.

I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 - Do *bullying* ao *Cyberbullying*

Foi na década de 70 que vários investigadores se debruçaram sobre o fenómeno a que se chamou *bullying* (Olweus, 2008), tendo a expressão sido adoptada pela língua portuguesa dada a sua complexa tradução. Contudo, segundo Pinheiro (2009), o comportamento associado ao *bullying* é ambíguo: se por um lado atraiu atenções na década de 70, por outro ele existe desde que existem crianças no mundo. A mesma autora considera que foram as alterações nos comportamentos sociais e comunicativos entre seres humanos nos últimos 40 anos que fomentaram o interesse na questão do *bullying*, originando cada vez mais atenção por parte de investigadores.

Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen na Noruega, foi o primeiro a debruçar-se sobre a problemática do *bullying* como uma forma de violência escolar, pois se por um lado é algo que faz parte do crescimento da criança/adolescente, por outro pode ser capaz de provocar o suicídio de jovens (Abrapia, 2006, citado por Pinheiro, 2009).

Olweus (2003) define o *bullying* sofrido pelos estudantes nas escolas do seguinte modo:

“A student is being bullied or victimized when he or she is exposed, repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more students. The person who intentionally inflicts, or attempts or inflict, injury or discomfort upon someone else is engaging in negative actions. Bullying also entails an imbalance in strength (or an asymmetric power relationship), meaning that students exposed to the negative actions have difficulty in defending themselves”¹.

Olweus (2003, p.13)

¹ Tradução: «O(A) estudante está a ser intimidado(a) ou vitimado(a) quando é exposto(a), repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos. A pessoa que intencionalmente inflige, ou tenta infligir, injúria ou desconforto noutra pessoa está envolvida em ações negativas. O *bullying* também implica um desequilíbrio de forças (ou uma relação de poder assimétrica), o que significa que os estudantes expostos às ações negativas têm dificuldade em defender-se.»

Nos últimos anos, outra preocupação social começou a sobressair: o *bullying* complementado e fortalecido agora com recurso a *mails, chats, Messenger, Hi5, YouTube, Facebook*, etc, fruto da constante evolução das tecnologias da informação e comunicação (TIC). A este fenómeno deu-se o nome de *cyberbullying*.

Em meados dos anos 90 assistiu-se a um grande passo na evolução da tecnologia em Portugal: o aparecimento da internet. Em 1994 a internet em Portugal iniciou o seu desenvolvimento no seio da população, contudo, algumas instituições, sobretudo Universidades, já exploravam esta nova ferramenta desde o início da década de 90. Contudo, foi sobretudo no início do século XXI que se deu uma explosão do número de utilizadores e de servidores de informação, que deu origem a uma evolução tecnológica sem precedentes.

Vários estudos estatísticos que foram divulgados corroboram a evidente proliferação das tecnologias da informação e comunicação na nossa sociedade, como é o caso do estudo da ANACOM, intitulado “A Internet em Portugal”². O mesmo revela que a importância da Internet no âmbito dos processos de mediação social reafirmou-se em 2009, através da popularidade dos *sites* de redes sociais e dos serviços de mensagens instantâneas que permitem a consolidação de sociabilidades em rede. O estudo indica que mais de um terço (34,9%) dos internautas passa uma hora ou mais por semana a socializar com os seus amigos através de serviços de mensagens instantâneas e perto de um quarto (23,2%) através das redes sociais. Por outro lado, verifica-se que a internet veio aumentar os contactos sociais dos utilizadores: 58,9% dos internautas considera que o uso da internet aumentou o seu contacto com os amigos e 41,3% com a família.

O estudo³ mais recente foi levado a cabo pelo Instituto Nacional de Estatística (INE)⁴, que decorreu em Abril e Maio de 2012, apresentado em Novembro de 2012. O mesmo mostrou que 66% das famílias tinha acesso a computador em casa, 61% dispunha de ligação à Internet e 60% tinha acesso a banda larga. No mesmo período, 62% das pessoas entre os 16 e os 74 anos utilizavam computador, 60% acediam à

² Disponível em: http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=rel_internet_portugal_2009.pdf (Acedido a 22/06/2013)

³ Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias (2012). Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=133548146&DESTAQUESmodo=2 (Acedido a 21/06/2013)

⁴ O Instituto Nacional de Estatística (também conhecido pela sua sigla INE) é o organismo oficial de Portugal responsável por produzir e divulgar informação estatística oficial de qualidade, promovendo a coordenação, o desenvolvimento e a divulgação da atividade estatística nacional.

Internet e 13% efetuavam encomendas *online*. Entre as que usavam a internet, 35% efetuavam o acesso em mobilidade. Segundo os mesmos dados, a utilização das TIC encontrava-se largamente difundida entre os jovens dos 10 aos 15 anos: 98% utilizava computador, 95% acedia à internet e 93% usava telemóvel. Aproximadamente dois terços das famílias tinham acesso a TIC em casa: 66% tinha acesso a computador, 61% à internet e 60% dispunha de acesso à internet através de banda larga.

Em comparação com os dados obtidos pela ANACOM em 2009, confirma-se a evolução positiva do acesso às TIC pelas famílias: de 2009 a 2012 observa-se um crescimento médio anual de cerca de 12% no acesso a banda larga em casa; em 2009 quase 40% das famílias tinham acesso a banda larga, em 2012 fixou-se nos 60%; no acesso a computador e à internet, verificou-se um crescimento médio anual de cerca de 8% no mesmo período.

O estudo do INE revela ainda que a utilização do computador e da internet é superior à média nacional nos grupos etários mais baixos (até aos 44 anos). No que respeita ao computador e à internet, é sobretudo entre os 16 e os 24 anos que se verifica um maior nível de utilização (97%).

Face ao exposto, verifica-se que existe uma elevada utilização da internet, computadores e telemóveis por parte dos jovens, facto que é facilmente constatado nos dias de hoje. Surgem a cada dia novas formas de comunicação que competem com as tradicionais, como são exemplo os blogues, as redes Sociais ou mesmo aplicações para conversações *online* (*Facebook, Twitter, Google+, LinkedIn, Skype, etc*) que conduzem cada vez mais os jovens a adotar a comunicação através da internet ou do telemóvel como forma privilegiada de interação pessoal e social (Sousa, 2011).

Este complexo jogo de interações sociais pode representar tanto vantagens como perigos para os jovens na construção do seu carácter enquanto indivíduo perante a sociedade. Prova desta dicotomia é o estudo realizado em 2012 pela organização *Check Point Software Technologies Ltd*, líder em soluções de segurança para internet, a que chamou ‘Separação Geracional na Segurança da Internet’⁵. O estudo revela que 50% dos inquiridos assumiu que já sofreu um incidente de segurança nos últimos dois anos.

⁵ Com o título original *The Generation Gap in Computer Security*, o relatório, patrocinado pela Zone Alarm, apresenta os resultados de uma pesquisa global com 1.245 usuários de PC realizado nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, e na Austrália em Março de 2012. O objetivo deste estudo foi quantificar as diferenças entre gerações no sentido de pessoal segurança do computador. Neste relatório, a "Geração Y" é definido como jovens entre 18 e 25 anos, e "Baby Boomers" refere-se indivíduos com idades compreendidas entre 56 e 65 anos. Disponível em: http://www.zonealarm.com/products/downloads/whitepapers/generation_gap_research_2012.pdf (Acedido a 21/06/2013)

Contudo, este problema não parece preocupar muito a denominada Geração Y, como lhe chama a *Check Point* (2012). Neste documento pode ler-se que apenas 31% dos jovens (entre os 18 e 25 anos) afirmam dar à segurança uma importância capital quando se trata de tomar decisões a respeito dos seus dispositivos ou equipamentos informáticos. Com estes dados, a *Check Point* conclui que a Geração Y se caracteriza por ser aberta e vulnerável aos ataques *online*, uma vez que coloca em primeiro lugar o entretenimento ou as comunidades, assumindo uma presença despreocupada nas redes sociais.

1.1. Conceito e caracterização do *cyberbullying*

Neste capítulo serão abordados alguns temas inerentes ao *cyberbullying*, considerados pertinentes para a compreensão das características do fenómeno em causa, tais como as suas tipologias comportamentais, a questão do anonimato, o impacto na adolescência e a importância da ação interventiva dos pais e/ou professores perante o código do silêncio. Antes, torna-se importante fazer a distinção entre o conceito de *cyberbullying* e o conceito de *bullying*, sob a perspectiva de vários autores que se debruçaram sobre o tema.

O *cyberbullying* difere do *bullying* tradicional pois pode ter continuidade fora do espaço físico escolar, dada a possibilidade de a vítima estar sempre contactável, graças às tecnologias da comunicação. Por outro lado, quando ocorre um episódio de *bullying*, outras pessoas podem estar no local e presenciar as agressões (Olweus, 1993), enquanto que no *cyberbullying* as agressões podem ser publicadas *online* para o público em geral, podendo ser visto por todos, quer conheçam ou não a vítima (Campos, 2009).

Amado, Matos e Pessoa (2009) consideram o *cyberbullying* como uma forma indireta de *bullying*, que agrava as suas consequências e afeta negativamente o sentido de boa convivência e colaboração nas escolas. Os mesmos autores defendem que, ao contrário de outras formas de *bullying*, as agressões efetuadas *online* dirigidas a outra pessoa e uma vez publicadas, podem permanecer indeterminadamente na Internet e ser difundido com extrema rapidez.

Morais (2007 citado por Sousa, 2011) refere quatro fatores inerentes à prática do *cyberbullying* através da internet: persistência, pesquisabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis, agravando mais intensamente o estado emocional da vítima. Para além do mais, enquanto que nos casos de *bullying* a vítima é geralmente mais fraca

(física ou psicologicamente) que o agressor, no *cyberbullying* esse princípio não é regra, visto que não existe contacto presencial aquando as agressões.

Face ao exposto, podemos considerar o *cyberbullying* como um agravamento da violência associada ao *bullying*, levando a uma consciencialização do *cyberbullying* como “*the dark side of technology*”⁶ (Campbell, 2005, citado por Sousa, 2011), pelo que é pertinente o seu estudo.

Embora o fenómeno do *cyberbullying* esteja inevitavelmente relacionado com a definição de *bullying* tradicional (Olweus, 1993), torna-se importante definir o seu conceito segundo a perspectiva de vários autores.

Nancy Willard, investigadora e advogada que usou a pela primeira vez a expressão *cyberbullying* em 2003 e a fundadora do site *Embrace Civility in the Digital Age*⁷, foi uma das primeiras investigadoras do fenómeno que procurou analisar e definir a problemática. Segundo a autora:

*“Digital aggression (cyberbullying) involves use of digital technologies to intentionally engage in hurtful acts directed towards another, including sending or posting hurtful material in a manner that is repeated or widely distributed”*⁸ (Willard, 2011, p.1).

No mesmo sentido, Belsey (2006), professor em Cochrane, Alberta, considera o *cyberbullying* como uma variante do tradicional *bullying*. O mesmo autor apresenta uma das definições mais completas do fenómeno:

“Cyberbullying involves the use of information and communication technologies such as email, cell phone and pager text messages, instant messaging (IM), defamatory personal Web sites, and defamatory online personal polling Web sites, to support deliberate, repeated, and

⁶ O lado negro da tecnologia, em português.

⁷ <http://www.embracecivility.org/>

⁸ Tradução: “Agressão Digital (*cyberbullying*) envolve o uso de tecnologias digitais para praticar atos intencionalmente ofensivos dirigidos a outro, incluindo o envio ou publicação de material ofensivo, de forma a que se repita ou seja amplamente distribuído”.

hostile behaviour by an individual or group, which is intended to harm others”⁹ (Belsey, 2004).

Sameer Hinduja e Justin W. Patchin são dois investigadores norte-americanos que estudam o fenómeno desde 2002 e em 2005 lançaram o popular *site Cyberbullying Research Center*¹⁰. Os autores acrescentam que a complexidade do *cyberbullying* prende-se também com a sua natureza viral da propagação da informação nas redes digitais, quer seja ela positiva ou negativa. Um boato ou uma imagem podem circular pela Internet e resultar em aumentos exponenciais da sua divulgação, com processos similares à extensão de uma epidemia.

O uso das tecnologias da informação e comunicação tornou-se ao longo dos tempos um comportamento atrativo para crianças e jovens, ao ponto de fazer parte do dia a dia de qualquer um, o que, por si só, fomenta a possibilidade de padecerem de agressões através destes meios. Apesar do lado positivo que pode ter a internet para os adolescentes, esta também poderá apresentar o seu lado obscuro, quando é usada como meio para agredir ou denegrir outros cibernautas.

1.2. Tipologias comportamentais do *cyberbullying*

A tipologia do *cyberbullying* foi proposta por vários autores ao longo do tempo. Willard (2007) apresentou uma tipologia que classifica o *cyberbullying* consoante os vários tipos de agressões com recurso às tecnologias:

- Manifestar ódio (*Flaming*): confrontos *online* através do uso de mensagens eletrónicas com linguagem agressiva e vulgar que pode incluir insultos ou ameaças;
- Assédio (*Harassment*): envio repetido e contínuo de mensagens ofensivas, rudes e insultuosas.
- Difamação (*Denigration*): difamar alguém *online* enviando ou postando comentários depreciativos, boatos cruéis ou rumores sobre a pessoa para

⁹ Tradução: O *cyberbullying* envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação, tais como o *e-mail*, o telemóvel e as mensagens de texto, as mensagens instantâneas, os *sites* pessoais difamatórios e os *sites* pessoais de votação on-line difamatória, para apoiar deliberada e repetidamente um comportamento hostil por um indivíduo ou grupo, que se destina a prejudicar os outros.

¹⁰<http://cyberbullying.us/> (Acedido a 22/06/2013)

prejudicar a sua reputação ou amizades; criação de uma página web ou web *site* dedicado a insultar outra(s) pessoa(s);

- Personificação (*Impersonation*): entrar na conta de alguém, fazendo-se passar por essa pessoa e enviar mensagens para fazer a pessoa ficar mal perante os outros de forma a provocar problemas e a prejudicar a reputação ou amizades;
- Revelar (*Outing*): partilhar *online* os segredos, informações ou imagens embaraçosas de alguém;
- Enganar (*Trickery*): convencer alguém a revelar segredos ou informação embaraçosa e depois partilhá-la *online*;
- Exclusão (*Exclusion*): Excluir alguém de forma intencional e cruel de um grupo *online*, como uma lista de amigos, um jogo *online* ou um fórum;
- Cyberperseguição (*Cyberstalking*): envio repetido de mensagens que incluem ameaças físicas ou que são muito intimidantes ou exercer outras atividades *online* que provocam medo e insegurança na vítima.

Kowalski, Limber & Agatston (2008, citados por Sousa, 2011) viriam a acrescentar o fenómeno *happy slapping* às categorias acima. O *happy slapping* é uma prática que surgiu em 2004 em escolas dos arredores de Londres. Apesar de não existir uma expressão em português para a mesma definição, o termo consiste no ataque inesperado a uma vítima, enquanto um colega do agressor filma a agressão com um telemóvel para depois enviar as imagens via telemóvel para os amigos.

1.3. O anonimato

Um dos principais fatores do *cyberbullying* e o que o torna particularmente atrativo para alguns utilizadores é a possibilidade de atuar de forma anónima. Amado et al (2009) defendem que o anonimato possível e facilitado nas comunicações e interações através das redes sociais acarreta novos aspetos e novos problemas.

Hinduja & Patchin (2009), referem que as contas de *e-mail* temporária, os *nick names* em salas de *chat* ou os programas de mensagens instantâneas proporcionam ao *cyberbullie* um distanciamento face às regras éticas e morais da sociedade, dada a possibilidade de agir no anonimato, o que por si só despoleta uma maior desinibição.

Perante o facto de alguns utilizadores se poderem refugiar em perfis falsos ou pseudónimos, por se sentirem intimidados pela ideia do confronto pessoal, o *cyberbullying* foi caracterizado por Belsey (2010) como a variante cobarde do *bullying*, pois o sentimento de invisibilidade pode levar a que os utilizadores adotem atitudes e comportamentos que não teriam numa situação presencial.

Com certeza todos nós em algum momento deparámo-nos com situações reais de perfis falsos nas redes sociais, ou com relatos de pessoas que conheceram pessoalmente os seus “amigos *online*” e em que constataram que afinal os mesmos não correspondiam àquilo que diziam ser. Enfim, exemplos de situações entre outras tantas do conhecimento geral. Isto acontece porque, consciente ou inconscientemente, ao conviver com outras pessoas *online*, num cenário muitas vezes idealizado, as exigências e as responsabilidades do mundo real tornam-se relativamente nulas por detrás do anonimato.

Desta forma, o anonimato é uma das grandes armas do *cyberbullying*. Não importa o estatuto, a personalidade ou a relevância social: todos podemos criar a nossa própria personagem fictícia quando se trata de querer perseguir, insultar ou ofender alguém *online*. No mundo real, somos apenas mais um, vivendo pacatamente como os outros, pelo que o perfil do *cyberbullie* pode ser variado, pois permite que qualquer pessoa que tenha acesso aos meios necessários possa ser um agressor *online*.

1.4. O *cyberbullying* na adolescência

Segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, o sentimento de inferioridade pode levar a bloqueios cognitivos, descrença quanto às capacidades e a atitudes regressivas, o que dificulta a integração da criança na escola uma vez que este é um momento de novos relacionamentos interpessoais importantes (Erikson, 1968).

Os adolescentes encontram-se numa fase da sua vida em que fomentam as suas crenças, limites, funções e objectivos, assim como descobrem, desenvolvem e aperfeiçoam a sua própria identidade, algo que pode ser potencializado pela interação e socialização *online*. É nesta fase que os adolescentes sentem a pressão de encontrar a sua própria identidade, assim como o seu lugar na sociedade. Tudo isto é acompanhado pelo sentimento de confusão face ao papel que irão desempenhar no futuro. Neste

sentido, o *cyberbullying* caracteriza-se como sendo uma experiência traumática para as vítimas e os danos psicológicos causados passam por introversão, baixa autoestima, sentimentos de pânico e insegurança, angústia, depressão, insucesso escolar ou, em casos muitos graves, pode levar ao suicídio (Patchin & Hinduja, 2006).

Com o objetivo de atingir uma relevância social perante os outros, existe nos jovens um constante desejo de aprovação dos pares, pelo que qualquer situação de exclusão social poderá desencadear perturbações psicossociais nos adolescentes, numa altura em que se encontram no processo de construção da sua personalidade (Sousa, 2011).

1.5. Pais, professores e o código do silêncio

Perante os perigos que a internet pode representar, a prevenção torna-se uma das principais armas de combate ao *cyberbullying*. Essa prevenção tem de partir dos principais agentes educativos, como os pais/encarregados de educação, os professores e os demais funcionários das escolas.

O inquérito¹¹ realizado pela *American Osteopathic Association* (AOA), em 2011, revela que mais de 85% dos pais com adolescentes entre os 13 e 17 anos relataram que os seus filhos tinham contas em redes sociais. Os dados da pesquisa revelam que mais de 52% confessaram que estavam preocupados com possíveis casos de assédio ou provocações através da internet e um em cada seis pais revelou saber que o seu filho tinha sido provocado, assediado ou intimidado nas redes sociais; algumas vítimas começaram a ser perseguidas aos 9 anos de idade sendo que em mais de metade dos casos não foi um incidente isolado; mais de três quartos dos pais abordaram o tema do *cyberbullying* aos seus filhos e 86% tomaram medidas para controlar ou monitorizar as ações e interações *online*; dois em cada três pais entrevistados admitiram ter controlado as configurações de acesso às redes sociais dos seus filhos e um em cada sete pais proibiram os filhos de usar as redes sociais, sendo que as razões mais comuns citadas foram a idade e as questões da privacidade.

A Universidade de Toronto realizou um inquérito intitulado *Cyber Bullying Survey: School Summary Report* (2008), com o propósito de examinar sistematicamente o fenómeno do *cyberbullying*, onde os resultados revelam que:

¹¹ A pesquisa foi realizada de 25 de junho a 30 de junho de 2011, num total de 1.131 indivíduos entrevistados *online*. Disponível em <http://www.osteopathic.org/inside-aoa/news-and-publications/media-center/2011-news-releases/Pages/7-11-11-survey-parents-fearful-of-cyberbullying.aspx> (Acedido a 30/05/2013)

- Quase todos os pais (96%) discutiram a segurança na Internet com os seus filhos;
- 89% acha que sabem tudo ou quase tudo que os filhos fazem *online*;
- Dois terços (66%) dos pais afirmam que sente que pode proteger o seu filho dos possíveis perigos da internet;
- Um terço (33%) dos pais está preocupado com o tempo que os filhos passam na internet;
- Três quartos (73%) dos pais estabelecem limites no tempo de uso da internet;
- 84% dos pais sente que o seu filho segue as regras impostas relativamente à internet;
- Quase todos os pais (94%) concordam que o *cyberbullying* é um problema;
- 84% sente que o seu filho iria dizer-lhes caso fosse vítima de *cyberbullying*;
- 18% afirma saber que o seu filho já foi vítima de *cyberbullying* e 9% afirma não saber;
- 7% revela que o seu filho já intimidou outros *online* e 17% afirma não saber;
- 77% dos pais acredita que tanto o *bullying* tradicional como o *cyberbullying* são igualmente graves.

Tomando como exemplo estes dois estudos, facilmente constatamos que a maioria dos pais apresenta a convicção de que está suficiente a par das ações dos filhos na internet.

Por outro lado, um estudo desenvolvido pela organização britânica Knowthenet.org.uk¹² concluiu que a maioria dos adolescentes sofre de *cyberbullying* em silêncio e o mais preocupante é que apenas um terço reporta estas situações. Porém, existem outros aspectos relevantes que importa destacar no estudo efectuado:

- De todos os que reconheceram ter sofrido esta experiência, 87% afirmou que foi através do *Facebook*, 19% através do *Twitter* e 13% através do *BlackBerry Messenger*;

¹² Knowthenet.org.uk é um *site* que ajuda indivíduos, famílias e empresas tirar o máximo proveito da internet. É financiado pela Nominet, uma organização sem fins lucrativos responsável pelo bom e seguro uso da internet no Reino Unido. Estudo disponível em <http://www.knowthenet.org.uk/knowledge-centre/trolling/trolling-study-results> (Acedido a 18/6/2013)

- Apenas 17% afirmou que a primeira reação foi contar aos pais e só 1% dos adolescentes considerou contar aos professores.

Este estudo vem de certa forma contrariar os resultados obtidos pelos dois anteriores, dirigido aos pais. Se por um lado os pais transmitiram a convicção de que estavam a par das ações dos filhos na internet, este último estudo revela que existe uma relutância por parte dos adolescentes em denunciar os casos de *cyberbullying* aos pais e professores, o que nos leva ao tema do denominado código de silêncio, que tem vindo a ser citado por vários autores.

Ao contrário do *bullying*, as vítimas de *cyberbullying* sentem-se mais retraídas em contar aos adultos. Por um lado, não existem marcas físicas que possam denunciar a situação, por outro, têm receio que lhes possa ser retirado o computador ou o telemóvel. O código do silêncio que se instala nas vítimas de *cyberbullying* deve ser considerado nas percepções que pais ou professores possam ter em relação aos filhos ou aos alunos.

As vítimas de *cyberbullying* podem manifestar comportamentos ou atitudes que devem ser supervisionadas pelos adultos, visto que, apesar do código do silêncio incidir principalmente na incapacidade da vítima em relatar a sua experiência, os sinais exteriores como o *stress*, a depressão, a ansiedade ou a tristeza são perceptíveis, pelo que devem ser tomados em consideração quando se trata de intervir neste tipo de caso. É neste sentido que se tem vindo a demonstrar a importância de canais anónimos que permitam às vítimas sentirem-se mais seguras na denúncia de casos de *cyberbullying*.

Capítulo 2 - *Cyberbullying* em Portugal

No que diz respeito a Portugal, assistiu-se na última década a vários projetos de desenvolvimento das TIC. O projeto das e-Escolas¹³ e a implementação nas escolas do Magalhães¹⁴ são dois exemplos de fomentação da área tecnológica na educação. Para além disso, nos últimos anos, tem crescido exponencialmente a informatização e acesso à internet nas escolas em geral.

¹³O Programa e.escola visa promover o acesso à Sociedade da Informação e fomentar a info-inclusão, através da disponibilização de computadores portáteis e ligações à internet de banda larga, em condições vantajosas. Para consulta em <http://www.eescola.pt/Default.aspx>

¹⁴O Magalhães foi o primeiro portátil produzido em Portugal numa parceria entre a Intel, a JP Sá Couto e a Prológica, apadrinhada pelo Plano Tecnológico com o intuito de o fornecer gratuitamente ou a baixo custo a crianças do Ensino Básico.

A questão do *cyberbullying* tem recentemente suscitado em Portugal preocupações entre os pais, políticos, professores e agentes de segurança. Contudo, o número de pesquisas neste território é ainda escasso e Amado et al (2009) consideram este um factor que impossibilita traçar um cenário real da situação em Portugal, o que os levam a concluir que “a investigação nesta área é, ainda muito incipiente, o que se traduz, por um lado, numa grande e comum perplexidade perante os casos e, por outro lado, na sensação de que, para intervir com eficácia educativa, muito há ainda a aprender e a experimentar” (Amado, Matos e Pessoa, 2009, p.263).

O crescimento das agressões praticadas através das tecnologias é corroborado pelas forças de segurança, que anunciam o *cyberbullying* como um novo tipo de crime praticado entre adolescentes que começa a tornar-se preocupante. A 29 de Março de 2010 foi publicada uma notícia no *ionline.pt* que dava a conhecer que a Polícia Judiciária recebia uma queixa por dia relacionadas com casos de *cyberbullying*¹⁵.

A divulgação na imprensa nacional deste tipo de notícias relacionadas com o fenómeno do *cyberbullying* ajuda à promoção da sua consciencialização. Se há uns anos atrás a temática da violência através dos recursos tecnológicos encontrava-se envolta num manto de desconhecimento ou mesmo de indiferença, hoje em dia cada vez mais as notícias que vão surgindo nos media conduzem inevitavelmente a um confronto com a realidade e, conseqüentemente, a uma crescente preocupação em torno do tema.

A 14 de Dezembro de 2011 o jornal Expresso exibia a manchete “Linha Internet Segura recebeu 125 chamadas e reencaminhou 15 casos para a PJ” na sua página *online*¹⁶. A mesma notícia divulgava que a Linha Ajuda Internet Segura respondeu nos primeiros seis meses de existência a 125 pedidos de ajuda, tendo reencaminhado 15 casos para a Polícia Judiciária por considerar que se tratava de roubo de identidade e *cyberbullying*.

O tema do *cyberbullying* é relativamente recente em território português. Contudo, verificam-se vários projetos criados com o intuito de promover a segurança na internet.

Tito de Moraes, fundador do projeto MiudosSegurosNa.Net¹⁷ que promove a utilização segura e responsável das tecnologias da informação e comunicação por crianças e jovens, numa reportagem levada a cabo pelo *site* educare.pt, adianta que "se

¹⁵ Disponível em: <http://www1.ionline.pt/conteudo/53059-cyberbullying-judiciaria-recebe-uma-queixa-dia> (Acedido a 22/06/2013)

¹⁶ Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/internet-linha-recebeu-125-chamadas-e-reencaminhou-15-casos-para-a-pj=f694228> (Acedido a 22/06/2013)

¹⁷ <http://www.miudossegurosna.net/> (Acedido a 22/6/2013)

só agora Portugal começa a despertar para as questões do *bullying*, em relação ao *cyberbullying* está mais atrasado" e acrescenta que "'muitas vezes, os pais têm dificuldade em diferenciar o que é uma brincadeira de mau gosto ou agressão do que é um comportamento de *bullying*. E há um elemento que pode ajudar: o *bullying* caracteriza-se por uma ação repetitiva¹⁸".

De forma a promover mecanismos e estratégias apropriados para a minimização de possíveis abusos ou ilegalidades que ocorram com a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC), foi lançado em 1999 o programa *SaferInternet*, proporcionado pela Comissão Europeia. No seguimento deste projeto, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, FCT, a Direção-Geral da Educação/ Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas (DGE/ERTE), a Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN) e a Microsoft Portugal, submeteram no Âmbito do programa Europeu *Safer Internet Programme*, uma candidatura para promoção e consciencialização pública da utilização segura da Internet. O Ministério da Educação desenvolveu em 2004 o projeto Seguranet¹⁹, cujo objetivo seria "'assegurar a Segurança e a Privacidade no Uso da Internet", mais especificamente "garantir que todos, e em particular as famílias, dispõem de instrumentos para proteção de riscos que possam ocorrer no uso da Internet e têm informação sobre como os utilizar". O projeto Internet Segura²⁰ foi criado posteriormente em 2005 para a concretização desta visão estratégica, que inclui, por exemplo, a Linha Ajuda²¹, um atendimento telefónico que garante o apoio anónimo e confidencial a crianças, jovens, pais e professores sobre questões relacionadas com o uso de tecnologias.

Face à falta de estudos na área do *Cyberbullying*, e numa tentativa de colmatar essa falha, a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), aprovou em 2008 o projeto "*Cyberbullying* - o diagnóstico da situação em Portugal", que está a ser desenvolvido através da colaboração de investigadores da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa, com o objetivo de estudar esta problemática, tendo em conta diversas variáveis e diferentes regiões do país.

Os resultados preliminares do estudo foram apresentados a 3 de Abril de 2012 na conferência internacional *4th Winter Conference of the Association for Teacher Education in Europe – ATEE*, numa sessão intitulada "*Do bullying ao cyberbullying*:"

¹⁸ Retirado de http://www.confap.pt/docs/12-02_Cyberbulling_fenomeno_sem_rosto.pdf (Acedido a 22/6/2013)

¹⁹ <http://www.seguranet.pt/blog/> (Acedido a 22/6/2013)

²⁰ <http://www.internetsegura.pt/> (Acedido a 22/6/2013)

²¹ <http://www.internetsegura.pt/linha-ajuda#.Uin0HdKkp34> (Acedido a 22/6/2013)

investigação e intervenção", que decorreu no auditório da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Numa primeira fase, o estudo abrangeu 339 alunos do 6º, 8º e 11º anos de escolas das regiões de Lisboa e Coimbra e segundo os primeiros dados, 15,7% dos inquiridos admitiram já ter sido vítimas de *cyberbullying* e 9,4% admitiram ter praticado agressões recorrendo às tecnologias de informação e comunicação. Os meios mais utilizados foram os SMS (através do telemóvel e da internet) e as redes sociais (principalmente *Hi5* e *Facebook*). O projeto também contou com uma amostra de 261 estudantes universitários, dos quais 13% admitiram terem sido vítimas, 1% agressores e 88% revelaram terem assistido a situações de *cyberbullying*, sendo que a maioria destas situações aconteceram na adolescência, principalmente no ensino secundário.

Numa notícia publicada do Jornal de Notícias, João Amado, principal investigador do projeto, perante os resultados afirmou aos jornalistas que “*Julgamos que há ainda muito a fazer junto dos professores, mas sobretudo junto dos pais. Os professores começam, aos poucos, a ser sensíveis a estas problemáticas, penso que o grande trabalho é chegar à comunidade em geral e, muito em especial, às famílias*”²².

O estudo "*Cyberbullying – um diagnóstico da situação em Portugal*", no qual se insere esta pesquisa, abrangeu, numa segunda fase, escolas de todo o território português, cujos resultados têm vindo a ser divulgados em diversos encontros nacionais e internacionais.

De entre os mais diversos dados da segunda fase deste estudo, obtidos com base num inquérito a uma amostra de 3525 estudantes do básico e secundário, destacamos os que apontam para a percentagem de vitimação e de agressão (Matos e Vieira, 2013). Quanto à vitimação, tendo-se perguntado se durante o último ano tinham sido vítimas de ofensas, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através de telemóvel ou de internet, 7,6 % dos inquiridos respondeu afirmativamente. Ao passo que, quanto à agressão, tendo sido questionados se alguma vez tinham praticado *cyberbullying* durante o último ano, 3,9% dos inquiridos respondeu positivamente.

O projeto *CyberTraining: A Research-based Training Manual on Cyberbullying*²³ foi desenvolvido por equipas de 8 países europeus, incluindo uma equipa da Universidade de Coimbra, entre 2008 e 2010, com o principal objetivo de construir um manual de formação em formato *e-book* sobre o *cyberbullying* dirigido

²² http://www.jn.pt/PaginaInicial/Sociedade/interior.aspx?content_id=2400051 (Acedido a 26/6/2013)

²³ <http://www.cybertraining-project.org/> (Acedido a 26/6/2013)

essencialmente a formadores, jovens pais e escolas. O *Cybertraining E-Book*²⁴, que na versão portuguesa se intitula "*Agir contra o cyberbullying*" (Jäger et al, 2012), foi então criado e disponibilizado em vários idiomas, cujos conteúdos incluem, por exemplo, várias propostas de atividades orientadas para a prática, sendo composto por informações, orientações, bem como recursos diversos para os formadores de toda Europa que trabalham com escolas, encarregados de educação, como também para os jovens afectados pelo problema.

Segundo Armada Matos em entrevista para o *site* Educare.pt, o manual "*foi pensado de forma a responder às necessidades dos diferentes grupos-alvo a que se destina. A construção foi fundamentada em dois estudos. O primeiro envolveu uma análise de necessidades de formadores de diferentes países da Europa, e foi conduzido pela equipa portuguesa. O segundo estudo foi conduzido pela equipa alemã, que é a coordenadora do projeto, e juntou diferentes especialistas para conhecer o estado da arte em relação ao problema e as abordagens que têm sido adotadas em vários países, para lidar e intervir*"²⁵.

Em suma, conforme asseguram Amado, Pessoa e Matos (2009), é possível considerar que o tema do *cyberbullying*, em Portugal como em outros países, juntamente com a questão de como fazer melhor uso das novas tecnologias, tornou-se uma preocupação importante para a sociedade. Desta forma, os decisores políticos em conjunto com organizações não-governamentais têm tentado dar algumas respostas, especialmente para alertar e impedir o mau uso e os perigos, especialmente no que diz respeito às crianças e jovens, que são os mais fascinados por estes novos recursos de comunicação e informação.

²⁴ <http://www.cybertraining-project.org/book/> (Acedido a 26/6/2013)

²⁵ <http://www.educare.pt/educare/Atualidade/Noticia.aspx?contentid=90393CEFF06907B4E0400A0AB8001D4B&opsel=1&channelid=0> (Acedido a 26/6/2013)

PARTE II - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Capítulo 3 – Metodologia da investigação

No presente capítulo é apresentada a descrição do estudo, assim como a sua organização, os objetivos e as questões da investigação, a constituição da amostra, as técnicas, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a recolha dos dados e o respetivo tratamento da informação recolhida.

3.1. Descrição do estudo

A presente investigação enquadra-se num estudo exploratório de carácter descritivo do fenómeno *cyberbullying* numa amostra por conveniência da população escolar do 5º ao 9º ano de escolaridade, em dois contextos demograficamente distintos.

Andrade (2002) realça alguns objetivos fundamentais quando se refere ao estudo exploratório: proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema de pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses; ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto. Por outro lado, a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis, sendo que uma das suas características mais relevantes é a utilização de técnicas padronizadas de recolha de dados (Gil, 1999).

O estudo, como já o dissemos, foi integrado no projeto "*Cyberbullying - o diagnóstico da situação em Portugal*", desenvolvido através de uma parceria entre a Universidade de Coimbra e a Universidade de Lisboa, aprovado e apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia²⁶.

O desenvolvimento da presente investigação passou por diferentes fases organizativas, sendo elas:

²⁶ Número da aprovação: PTDC/CPE-CED/108563/2008

- Pesquisa bibliográfica para a construção do enquadramento teórico;
- Contacto com as instituições alvo do estudo e apresentação do projeto aos membros da direção, com a colaboração e apoio dos responsáveis pelo projeto "*Cyberbullying - o diagnóstico da situação em Portugal*";
- Distribuição e recolha das autorizações dirigidas aos encarregados de educação;
- Distribuição e recolha do questionário "*Cyberbullying*" (instrumento usado pelo projeto "*Cyberbullying - o diagnóstico da situação em Portugal*") aos participantes do estudo;
- Organização dos dados obtidos pelos questionários na plataforma SPSS;
- Tratamento e interpretação dos dados obtidos.

3.2. Objectivos e questões da investigação

O objectivo da presente investigação é verificar a incidência, a ocorrência e o impacto do *cyberbullying* em crianças e adolescentes portugueses em dois contextos sócio demográficos diferentes.

Conforme nos dizem Pessoa, Matos, Amado e Jäger (2011):

“Embora exista já alguma investigação nacional e europeia relativamente à temática do cyberbullying pouco se sabe ainda sobre o fenómeno, a sua natureza e formas eficazes de fazer prevenção. A nível europeu, países como Inglaterra têm já desenvolvido alguma pesquisa neste âmbito embora a Alemanha, Espanha e Portugal, só recentemente tenham sentido necessidade de intervir neste campo. A investigação neste domínio é ainda incipiente e exploratória o que tem implicações ao nível da definição de estratégias e programas de intervenção e formação”
(Pessoa, Matos, Amado e Jäger, 2011, p.59).

Neste sentido, o presente estudo tem como principais objetivos:

- Quantificar o número de vítimas e agressores;
- Verificar a frequência com que ocorre o *cyberbullying*;

- Observar se existem diferenças entre os dois contextos sócio demográficos;
- Verificar os meios e equipamentos mais usados para a prática do *cyberbullying*;
- Comparar os sentimentos, motivos e reações das vítimas e dos agressores;
- Identificar características de perfil nas vítimas e nos agressores;
- Comparar vítimas e não vítimas face à relação com a família e ao ambiente na escola.

3.3. Constituição da amostra

A amostra é constituída por 467 alunos pertencentes aos distritos de Coimbra e Leiria, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, que frequentam o 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano de escolaridade.

3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

No presente estudo, o instrumento utilizado para a recolha dos dados foi o questionário.

Gil (1999), caracteriza as pesquisas por questionário da seguinte forma:

“Caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para que em seguida, mediante uma análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes aos dados recolhidos (Gil, 1999, p.70)

Marconi e Lakatos (1999) defendem que deve ser distribuída, junto com o questionário, uma nota ou uma carta explicativa da natureza da pesquisa, assim como da importância e necessidade na obtenção de respostas fidedignas, com o intuito de despertar o interesse do inquirido. Desta forma, o questionário usado no presente estudo contém uma breve descrição do *cyberbullying*, elaborado numa linguagem simples e acessível, destacando a importância da colaboração dos inquiridos para o estudo do fenómeno.

Segundo Gil (1999), uma das principais vantagens dos questionários é garantir o anonimato do inquirido. Esta condição foi especialmente realçada aquando a

distribuição dos questionários, de forma a suscitar uma maior segurança nos inquiridos e, como consequência, resultados mais próximos da realidade.

O questionário, elaborado pela equipa do projeto *Cyberbullying: um diagnóstico da situação em Portugal*, é composto por um total de 39 itens, com perguntas de respostas abertas, semiabertas e fechadas, direcionado sobretudo para a compreensão do impacto do *Cyberbullying* nos jovens participantes, assim como perceber o modo como vítimas ou agressores agem perante a situação e lidam com a mesma.

Divide-se em quatro partes, para além da identificação sociodemográfica do participante, no que diz respeito à idade, ao sexo, ao ano de escolaridade, ao conselho onde se situa a escola e ao grau de escolaridade e profissão dos pais.

A primeira parte destina-se à recolha de informação no que diz respeito ao uso do telemóvel e da internet e com que frequência esta última é utilizada. A importância destes dados prende-se com o facto de serem os principais meios para a prática do *cyberbullying*.

A segunda parte do Questionário inicia uma das principais questões da investigação: “Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?”, sendo que os participantes poderiam assinalar uma das seguintes opções: Nunca; Cerca de uma a quatro vezes por ano; Cerca de uma vez por mês; Cerca de uma vez por semana; Várias vezes por semana; e Todos os dias. No caso de responderem afirmativamente, a restante segunda parte era preenchida de forma a identificar quais os equipamentos, meios e métodos usados para a prática do *cyberbullying*, os seus autores (caso tivessem conhecimento), os sentimentos que advieram da situação, o motivo pelo qual estariam a ser vítimas do fenómeno (caso tivessem conhecimento), como agiram (ou se agiram) perante a situação e os acontecimentos após as agressões.

A terceira parte do Questionário permite-nos identificar os participantes que admitem ter já praticado *cyberbullying*, através da questão: Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet? À semelhança da questão da segunda parte as opções de resposta são iguais. Caso respondessem afirmativamente, a restante terceira parte serve para perceber o equipamento e o meio usado para o ato, a pessoa a quem foi dirigido o comportamento (se era colega de escola ou se tinha alguma relação pessoal), se foi em grupo ou sozinho, os motivos e os sentimentos de advieram do ato em si, o que acharão

que a vítima sentiu, o que aconteceu após a agressão e o(s) ano(s) de escolaridade em que ocorreu.

A quarta parte destina-se à compreensão da percepção que os participantes têm perante o fenómeno, no sentido de saber a quem pediriam ajuda, e compreender as relações sócio afetivas entre os membros da família e no próprio contexto da escola. Por fim, os participantes eram convidados a deixar um comentário, sugestão ou história que quisessem partilhar, através de uma questão de resposta aberta.

3.5. Procedimentos da recolha de dados

A primeira fase prendeu-se com a escolha das duas escolas que iriam ser envolvidas na investigação. Um dos objectivos primordiais era que fossem o mais possível distintas em contexto sociodemográfico.

A primeira escolha foi o Colégio Rainha Santa Isabel, em Coimbra, que, após contacto com a direção, se prontificaram em participar. No seu *site*²⁷, o colégio assume-se como uma Escola Católica, que participa na missão educativa da Igreja, reunindo todos os esforços para “*aperfeiçoar a educação e levá-la ao grau de perfeição que é possível*”. A escolha partiu do facto de, como habitante em Coimbra há vários anos, ser do conhecimento geral o prestígio conhecido de que o colégio beneficia. Antes da escolha do Colégio Rainha Santa Isabel, foi efetuada alguma pesquisa em torno do mesmo. Facilmente nos apercebemos que o prestígio já antes referenciado é corroborado em várias notícias de imprensa: em 2011 foi o quinto melhor classificado no último ‘ranking’ das melhores escolas do ensino secundário do País (com mais de 100 provas realizadas), o que o torna o melhor no ‘ranking’ no que diz respeito ao distrito de Coimbra. Apesar da crise que abala o contexto económico português, a procura é sempre muito maior do que as vagas existentes, o que faz com que todos os anos, em média, 1500 alunos fiquem de fora. Sendo uma instituição privada está sujeita ao pagamento de mensalidade. O valor médio da mensalidade no Ensino Básico oscila entre os 330 e os 360 euros e no Ensino Secundário ronda os 400 euros.

A escolha da segunda escola prendeu-se com diversos fatores, entre eles, a localização e o contexto socioeconómico. O Instituto Vasco da Gama, em Santiago da Guarda, conselho de Ansião, descreve no seu *website* o contexto demográfico da escola

²⁷Disponível em: <http://www.crsi.pt> (Acedido a 10/05/2013)

como uma região onde “*a agricultura ocupa uma parte importante da população. Cada agregado familiar possui pequenas propriedades onde colhe produtos necessários à economia doméstica que é complementada pela criação de gado ovino e caprino.*” Ainda relativamente ao contexto da escola, é possível ler-se que “*por se encontrar numa área rural, quase todos os alunos da nossa escola são provenientes deste meio. Apesar dos discentes terem ao seu alcance menos equipamentos de lazer, de cultura e de desporto, do que os jovens dos meios urbanos, apresentam uma grande riqueza interior, baseada no respeito pelos outros e na vivência dos valores*”.²⁸

A nível do 2º ciclo, surge na posição 363 do ranking das melhores escolas em 2012, o Colégio Rainha Santa Isabel surge na posição 20, em 1144 escolas avaliadas. A nível do 3º ciclo, o Instituto Vasco da Gama surge na posição 248 do ranking das melhores escolas em 2012, o Colégio Rainha Santa Isabel surge na posição 16, em 1328 escolas avaliadas.

Estamos, portanto, perante duas escolas com contextos distintos no que se refere ao contexto sócio demográfico e aos próprios conceitos educativos. Por um lado o Colégio Rainha Santa, situado em pleno coração de Coimbra, conhecido por ser um dos colégios de elite a nível nacional, com uma educação católica pela qual tantos lutam por um lugar para os filhos, mesmo sujeitos ao pagamento de mensalidades. Por outro lado, o Instituto Vasco da Gama, situado numa região rural em Santiago da Guarda, com cerca de 13.700 habitantes, instituição pública direccionada para a ação social.

Os questionários foram entregues apenas aos alunos que entregaram a respetiva carta de autorização, assinada pelo encarregado de educação. A primeira escola a recebê-los foi o Instituto Vasco da Gama. Os mesmos foram entregues e distribuídos pelos próprios professores aos alunos, sendo que o processo foi da responsabilidade dos envolvidos no projeto *Cyberbullying – um diagnóstico da situação em Portugal*. A recolha dos questionários foi realizada em meados de Outubro de 2012 sendo posteriormente enviados para a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Como investigadora do estudo, não tive qualquer interação com os alunos em todo o processo de entrega e recolha dos dados.

No caso do Colégio Rainha Santa Isabel, houve um maior envolvimento como investigadora. Desde início mantive contacto com a psicóloga do colégio, que orientou as minhas visitas às salas de aula para distribuir o questionário aos alunos. Torna-se importante salientar que, antes da distribuição do questionário, era realizada uma

²⁸ Disponível em <http://www.ivgama.pt/Escola/Hist%C3%B3rico/tabid/111/Default.aspx>

pequena conversa com os alunos de forma a inteirá-los do tema e do objetivo da investigação. Era salientado também o anonimato dos questionários e fomentada a importância em dizer a verdade sem medo de represálias. O tempo dado aos alunos para o preenchimento do questionário foi cerca de 25 minutos e estive sempre presente para tirar quaisquer dúvidas que pudessem surgir (que se revelaram bastantes).

O envio da carta de autorização aos encarregados de educação e a posterior entrega e recolha dos questionários teve início em Outubro de 2012, tendo terminado em Fevereiro de 2013.

3.6. Tratamento dos dados recolhidos

Após a recolha dos questionários, a primeira fase passou por criar a base de dados em SPSS (versão 20.0) com cada uma das 39 questões e respetivas categorias. O tipo de análise efetuada baseou-se na descrição dos resultados sendo os mesmos apresentados em tabelas.

Capítulo 4 – Apresentação e descrição dos resultados

Neste capítulo será apresentada a descrição da amostra consoante os resultados obtidos no que diz respeito ao ano de escolaridade, à idade, ao género e ao grau de escolaridade dos pais/encarregados de educação. De seguida, serão apresentados os resultados obtidos, através de tabelas com as quantidades e respetivas percentagens, acompanhadas de uma breve descrição dos dados.

4.1. Sujeitos da amostra

Os dados foram recolhidos em dois locais distintos: o Colégio Rainha Santa Isabel, em Coimbra, e o Instituto Vasco da Gama, em Ansião, distrito de Leiria. A maioria dos inquiridos pertence ao Colégio Rainha Santa Isabel, com 294 participantes, constituindo 63% da amostra, contra 173 participantes do Instituto Vasco da Gama, que representa 37% da amostra.

Verificamos que 24,2% dos inquiridos frequenta o 5º ano (n=113), 22,7% frequenta o 6º ano (n=106), 25,5% frequenta o 7º ano (n=119), 13,7% frequenta o 8ª ano (n=64) e 13,9% frequenta o 9º ano (n= 65).

Quanto às idades, verifica-se que a maioria (n=92) se situa nos 13 anos, constituindo 19,7% da amostra.

No que diz respeito ao género, 45,8% dos participantes pertence ao sexo masculino (n=214) e 54,2% pertence ao sexo feminino (n=253).

Quanto ao grau de escolaridade do pai, verifica-se que a maioria possui o grau de Licenciatura, representando 31% da amostra (n=145).

No caso da escolaridade da mãe, à semelhança do grau de escolaridade do pai, a maioria possui o grau de Licenciatura, com 35,3% da amostra (n=165).

Contudo, torna-se importante para o estudo e para a compreensão da amostra fazer uma distinção entre as duas escolas onde foram recolhidos os dados da investigação, no que diz respeito ao grau de escolaridade dos pais. No caso do Instituto Vasco da Gama, em Ansião, verifica-se que a maioria dos pais possui o grau do 1º ciclo, representando 12,3% da amostra (n=51) contra 0,2% no caso do Colégio Rainha Santa Isabel (n=1). No que diz respeito aos dados obtidos da escolaridade da mãe, verifica-se que a maioria possui o grau do Secundário, com 12,6% da amostra (n=53) contra 2,6% no caso do Colégio Rainha Santa Isabel (n=11). No caso do Colégio Rainha Santa Isabel, a maioria dos pais possui o grau de Licenciatura, representando 34,4% da amostra (n=142) contra 0,7% no que diz respeito ao Instituto Vasco da Gama (n=3). Quanto aos dados obtidos referentes à escolaridade da mãe, verifica-se que a maioria possui o grau de Licenciatura, com 38,1% da amostra (n=160) contra 1,2% do Instituto Vasco da Gama (n=5). Outro aspeto relevante é relativamente aos graus de Mestrado e Doutoramento: verifica-se que, no caso do Colégio Rainha Santa Isabel, os pais com grau de mestrado representam 11,1% da amostra (n=46) e as mães 10,7% (n=45). Relativamente ao grau de Doutoramento, os pais representam 11,1% da amostra (n=46) e as mães 9,8% (n=41).

Em contrapartida, os dados recolhidos no Instituto Vasco da Gama mostram que nenhum dos pais e nenhuma das mães possuem os graus de Mestrado ou Doutoramento, sendo que o grau de escolaridade mais alto registado foi a Licenciatura, com 0,7% relativamente aos pais (n=3) e 1,2% relativamente às mães (n=5).

4.2. Utilização do telemóvel e computador

A grande maioria da amostra (93,4%) afirma ter telemóvel (n=436), contra 6,6% que nega ter o equipamento (n=31). Neste aspeto, torna-se importante fazer a distinção

entre os dois grupos: 97,6% dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel afirma ter telemóvel (n=287) contra 86,1% dos participantes do Instituto Vasco da Gama (n=149). Apenas 2,4% dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel nega ter telemóvel (n=7) contra 13,9% do Instituto Vasco da Gama (n=24).

No que diz respeito ao acesso à internet, em termos gerais, a grande maioria (95,1%) afirma ter ligação. Dos 294 participantes do Colégio Rainha Santa Isabel que responderam à questão, 99% afirma ter acesso à internet através de computador contra 88,4% dos 173 participantes do Instituto Vasco da Gama. De realçar que apenas 3 dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel responderam negativamente (1%) contra 20 dos participantes do Instituto Vasco da Gama (11,6%).

Quanto à frequência com que acedem à internet, a maioria afirma usar várias vezes por semana, representando 43,3% da amostra total (n=202). 22,5% afirma usar todos os dias (n=105), 21% afirma usar cerca de uma vez por semana (n=98), 7,7% afirma usar cerca de uma vez por mês (n=36) e 5,1% afirma que não usa (n=24).

De realçar que dos 24 participantes que afirmaram não usar a internet, 20 pertencem ao Instituto Vasco da Gama e apenas 4 pertencem ao Colégio Rainha Santa Isabel. Em ambos os grupos a frequência maior é no uso da internet várias vezes por semana, representando 47,1% dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel (n=138) e 37,2% dos participantes do Instituto Vasco da Gama (n=64). No que diz respeito ao uso diário da internet, verifica-se que os participantes do Colégio Rainha Santa Isabel representam 25,3% da amostra (n=105) contra 18% dos participantes do Instituto Vasco da Gama (n=31). Verifica-se também que 12,8% dos participantes do Instituto Vasco da Gama afirma utilizá-la cerca de uma vez por mês (n=22) contra 4,8% dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel (n=36).

4.3. Cyberbullying: incidência, ocorrência e impacto segundo as vítimas

Uma das questões fulcrais do questionário era “Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?”.

Quadro 1 – Frequência e ocorrência do *cyberbullying*

Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?	N	%
Nunca me aconteceu	420	90,7%
Cerca de 1 a 4 vezes por ano	26	5,6%
Cerca de 1 vez por mês	4	0,9%
Cerca de 1 vez por semana	5	1,1%
Várias vezes por semana	6	1,3%
Todos os dias	2	0,4%
Total	463	100%

Verificamos que num total de 463 respostas válidas, 90,7% afirma nunca ter sido vítima (n=420), 5,6% (n=26) afirma ter sido vítima cerca de 1 a 4 vezes por ano, 0,9% (n=4) afirma ter sido vítima cerca de 1 vez por mês, 1,1% (n=5) afirma ter sido vítima cerca de 1 vez por semana e 0,4% (n=2) afirma ter sido vítima todos os dias.

Observando o Quadro 2, verificamos que em comparação existe mais incidência do fenómeno nos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel.

Quadro 2 – Frequência e ocorrência do *cyberbullying*: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e pelo Instituto Vasco da Gama

Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?	Escola				Total	
	Instituto Vasco da Gama		Colégio Rainha Santa			
	N	%	N	%	N	%
Nunca me aconteceu	162	94,2%	258	88,7%	420	90,7%
Cerca de 1 a 4 vezes por ano	5	2,9%	21	7,2%	26	5,6%
Cerca de 1 vez por mês	1	0,6%	3	1,0%	4	0,9%
Cerca de 1 vez por semana	2	1,2%	3	1,0%	5	1,1%
Várias vezes por semana	2	1,2%	4	1,4%	6	1,3%
Todos os dias	0	0%	2	0,7%	2	0,4%
Total	172	100%	291	100%	100%	463

À exceção da categoria “Cerca de 1 vez por semana”, a percentagem é superior ao Instituto Vasco da Gama nas restantes categorias. A percentagem de alunos que afirma nunca ter sofrido de *cyberbullying* é inferior no que diz respeito ao Instituto Vasco da Gama, com 94,2% (n=162) contra 88,7% (n=258) do Colégio Rainha Santa Isabel.

Quadro 3 – Quantidade e percentagem de vítimas

Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?	N	%
Sim	47	10,1%
Não	420	89,9%
Total	467	100%

Verificou-se que dois dos participantes não responderam à questão “Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?”. Contudo, responderam às questões seguintes, sendo desta forma implícito que foram vítimas pelo menos uma vez no último ano, tornando-se necessário quantificar o número de participantes que responderam à parte II do questionário. Desta forma, dos 467 participantes, verificamos que 10,1% (n=47) preencheram a parte II do questionário, afirmando desta forma terem sido vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, o que equivale a cerca de um em cada dez alunos.

Quadro 4 – Quantidade e percentagem de vítimas: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama

		Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?					
		Sim		Não		Total	
		N	%	N	%	N	%
Escola	Instituto Vasco da Gama	11	6,4%	162	93,6%	173	100%
	Colégio Rainha Santa Isabel	36	12,2%	258	87,8%	294	100%

Fazendo novamente a distinção entre as duas escolas, verificamos que 6,4% (n=11) dos 173 participantes do Instituto Vasco da Gama afirmaram ter sofrido de *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, contra 12,2% (n=36) dos 294 participantes do Colégio Rainha Santa Isabel, havendo, em termos percentuais, uma maior incidência do fenómeno nesta última.

Quadro 5 – Incidência do *cyberbullying* consoante o género

		Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet?	
		Sim	
		N	%
Sexo	Masculino	28	59,6%
	Feminino	19	40,4%
Total		47	100%

Quanto ao género, verifica-se uma maior incidência do *cyberbullying* no sexo masculino, com 59,6% (n=28) dos 47 participantes que afirmaram ter sofrido de *cyberbullying* pelo menos uma vez, contra 40,4% (n=19) do sexo feminino.

Quadro 6 – Equipamentos usados segundo as vítimas

Que equipamento foi usado para te fazer mal?	N	%
Telemóvel	10	23,8%
Computador	20	47,6%
Telemóvel e computador	12	28,6%
Total	42	100%

Relativamente aos equipamentos usados para a prática do *cyberbullying*, dos 42 participantes que responderam à questão, 23,8% (n=10) afirma ter sido através do telemóvel, 47,6% (n=20) afirma ter sido através do computador e 28,6% (n=12) afirma ter sido através de ambos. Verifica-se que o equipamento mais usado é o computador.

Quadro 7 – Meios utilizados segundo as vítimas

Através de que meio(s) te fizeram mal?	N	%
Chamadas telefónicas	8	18,6%
SMS	18	41,9%
MMS	4	9,3%
<i>E-mail</i>	4	9,3%
<i>Chat</i>	12	27,9%
Mensagens instantâneas	9	20,9%
Páginas da Internet	22	51,2%

Verifica-se que a maioria das vítimas afirma que as agressões foram efetuadas através internet, com 22 dos participantes a assinalar esta opção, correspondendo a 51,2% dos 43 alunos que responderam à questão. Logo a seguir, com 18 respostas assinaladas, temos os “SMS”, representando 41,9% dos participantes. O “Chat” foi assinalado por 12 participantes, correspondendo a 27,9% do total. A opção “Mensagens instantâneas” foi escolhida por 9 participantes, com 20,9% do total de respostas válidas, As “Chamadas telefónicas” foram selecionadas por 8 alunos, representando 18,6% do total e 4 selecionaram as opções “MMS” e “E-mail”, correspondendo a 9,3% dos 43 participantes.

Quadro 8 – Autor(es) das agressões

Quem foi o autor ou autores desses comportamentos?	N	%
Rapaz	8	18,2%
Rapariga	4	9,1%
Grupo de rapazes	5	11,4%
Grupo de raparigas	8	18,2%
Grupo misto	4	9,1%
Um adulto ou grupo de adultos	2	4,5%
Não sei quem foi	13	29,5%
Total	44	100%

Quanto ao conhecimento do agressor, dos 44 participantes que responderam à questão, 29,5% (n=13) respondeu desconhecerem o mesmo.

Quadro 9 – Quantidade de agressores considerados colegas de escola pelas vítimas

Aqueles que te fizeram mal eram teus colega(s) da escola?	N	%
Sim	20	64,5%
Não	11	35,5%
Total	31	100%

Dos 31 participantes que afirmaram conhecer o autor, 64,5% (n=20) confirmaram que eram colegas de escola, contra 35,5% (n=11) que afirmaram não serem colegas de escola.

Quadro 10 – Relação pessoal com os agressores na perspetiva das vítimas

Tinhas alguma relação pessoal com quem te fez mal?	N	%
Sim	12	38,7%
Não	19	61,3%
Total	31	100%

Quanto ao manterem, ou não, uma relação pessoal com o agressor, 38,7% (n=12) responderam afirmativamente, enquanto que 61,3% (n=19) negaram ter qualquer relação pessoal com o agressor.

Quadro 11 – Tipo de relação pessoal com os agressores na perspetiva das vítimas

Qual a relação?	N	%
Namorado/a	1	8,3%
Amigo	8	66,7%
Amiga	3	25%
Total	12	100%

Dos 12 participantes que afirmaram terem uma relação pessoal com o agressor, 8,3% (n=1) respondeu ter sido o namorado, 66,7% (n=8) responderam ter sido um amigo e 25% (n=3) responderam ter sido uma amiga.

Quadro 12 – Tipos de *cyberbullying*: frequência segundo as vítimas

Indica, por favor, o que te fizeram através do telemóvel e/ou da Internet	Nunca me aconteceu		Cerca de 1 a 4 vezes por ano		Cerca de 1 vez por mês		Cerca de 1 vez por semana		Várias vezes por semana		Total de respostas válidas
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Ameaçaram-me e perseguiram-me de forma repetida	26	61,9%	6	14,3%	0	0%	7	16,7%	3	7,1%	42
Espalharam boatos sobre mim	22	55%	6	15%	4	10%	4	10%	4	10%	40
Enviaram mensagens com ofensas, insultos e calúnias	15	36,6%	13	31,7%	0	0%	7	17,1%	6	14,6%	41
Enviaram mensagens a gozar comigo	20	48,8%	5	12,2%	2	4,9%	5	12,2%	9	22%	41
Fizeram-se passar por	21	53,8%	9	23,1%	5	12,8%	0	0%	4	10,3%	39

mim para me prejudicar											
Revelaram segredos ou informações sobre a minha vida privada	26	66,7%	8	20,5%	2	5,1%	1	2,6%	2	5,1%	39
Tiraram fotos minhas sem autorização para me prejudicar	31	79,5%	0	0%	3	7,7%	2	5,1%	3	7,7%	39
Utilizaram fotos minhas sem autorização para me prejudicar	29	74,4%	2	5,1%	3	7,7%	4	10,3%	1	2,6%	39
Alteraram e divulgaram fotos minhas para me prejudicar	29	74,4%	1	2,6%	4	10,3%	5	12,8%	0	0%	39
Fizeram e/ou divulgaram vídeos meus para me fazerem mal	36	92,3%	1	2,6%	0	0%	1	2,6%	1	2,6%	39
Excluíram-me de um grupo <i>online</i> (ex. <i>Facebook</i> , jogo, etc.)	31	79,5%	4	10%	1	2,5%	4	10%	0	0%	40
Prejudicaram-me com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual	31	79,5%	2	5,1%	2	5,1%	2	5,1%	2	5,1%	40

Perante várias opções, os participantes eram convidados indicar a frequência de determinado ato de *cyberbullying*. Verifica-se que a opção “Enviaram mensagens com ofensas, insultos e calúnias” prevalece nas frequências “Cerca de 1 a 4 vezes por ano” e “Cerca de 1 vez por semana”, com 31,7% de seleção (n=13) e 17,1% (n=7), respetivamente, em 41 respostas válidas. A opção “Enviaram mensagens a gozar comigo” é a que regista mais escolha na frequência “Várias vezes por semana”, representando 22% das escolhas (n=9), em 41 respostas válidas. Neste ponto, torna-se importante destacar as opções que foram assinaladas como frequentes, ou seja, “Várias vezes por semana”: a opção “Enviaram mensagens com ofensas, insultos e calúnias” foi selecionada por 6 vezes em 41 respostas válidas, representando 14,6% das respostas; as opções “Fizeram-se passar por mim para me prejudicar”, foi selecionada 4 vezes em 39 respostas válidas, representando 10,3%, e “Espalharam boatos sobre mim”, foi selecionada 4 vezes em 40 respostas válidas, representando 10%; as opções “Ameaçaram-me e perseguiram-me de forma repetida” e “Tiraram fotos minhas sem

autorização para me prejudicar” foram selecionadas 3 vezes, em 42 e 39 respostas válidas, representando 7,1% e 7,7%, respetivamente. As opções “Revelaram segredos ou informações sobre a minha vida privada” e “Prejudicaram-me com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual” foram selecionadas 2 vezes, representando 5,1% em 39 respostas válidas; por fim, as opções “Utilizaram fotos minhas sem autorização para me prejudicar” e “Fizeram e/ou divulgaram vídeos meus para me fazerem mal” foram selecionadas 1 vez, representando 2,6% das 39 respostas válidas.

Os participantes eram convidados a descrever outra situação que não estivesse referenciada e a frequência com que a mesma acontecia. Dos seis participantes que responderam à questão, quatro admitiram terem sofrido de ameaças, insultos de forma agressiva, roubo da *password* e tentativa de *login* na conta do *Facebook*, cerca de 1 a 4 vezes por ano. Dois dos participantes confessaram sofrer de agressões físicas e desprezo várias vezes por semana. Apesar de algumas delas estarem mais relacionados com atos de *bullying*, não podemos descartar a hipótese de terem acontecido em simultâneo com o *cyberbullying*.

Quadro 13 - Tipos de *cyberbullying*: percentagem de ocorrência no total de vítimas

Indica, por favor, o que te fizeram através do telemóvel e/ou da Internet (em cada uma das afirmações, assinala com uma cruz a opção que corresponde ao teu caso)	N	%
Ameaçaram-me e perseguiram-me de forma repetida	16	34%
Espalharam boatos sobre mim	18	38,3%
Enviaram mensagens com ofensas, insultos e calúnias	26	55,3%
Enviaram mensagens a gozar comigo	22	46,8%
Fizeram-se passar por mim para me prejudicar	18	38,3
Revelaram segredos ou informações sobre a minha vida privada	14	29,8%
Tiraram fotos minhas sem autorização para me prejudicar	8	17%
Utilizaram fotos minhas sem autorização para me prejudicar	10	21,3%
Alteraram e divulgaram fotos minhas para me prejudicar	10	21,3%
Fizeram e/ou divulgaram vídeos meus para me fazerem mal	3	6,4%
Excluíram-me de um grupo <i>online</i> (ex. <i>Facebook</i> , jogo, etc.)	9	19,1%
Prejudicaram-me com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual	7	14,9%

Fazendo agora a análise entre aqueles que admitiram terem sofrido de uma das opções acima pelo menos uma vez no último ano e os 47 participantes que afirmaram

ter sofrido de *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, verifica-se maior incidência no envio de mensagens com ofensas, insultos e calúnias, sendo que 26 participantes confessaram terem-nas recebido pelo menos uma vez no último ano. A opção “Enviaram mensagens a gozar comigo” foi selecionada por 22 participantes, sendo a 2ª mais escolhida, representando 38,3% do total de respostas afirmativas. As opções “Espalharam boatos sobre mim” e “Fizeram-se passar por mim para me prejudicar” foram as 3ªs mais escolhidas, ambas com 38,3%, representando 18 dos 47 participantes que confessaram ter sofrido de *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano.

Quadro 14 - Tipos de *cyberbullying*: percentagem de ocorrência na amostra total

Indica, por favor, o que te fizeram através do telemóvel e/ou da Internet.	N	%
Ameaçaram-me e perseguiram-me de forma repetida	16	3,4%
Espalharam boatos sobre mim	18	3,9%
Enviaram mensagens com ofensas, insultos e calúnias	26	5,6%
Enviaram mensagens a gozar comigo	22	4,7%
Fizeram-se passar por mim para me prejudicar	18	3,9%
Revelaram segredos ou informações sobre a minha vida privada	14	3%
Tiraram fotos minhas sem autorização para me prejudicar	8	1,7%
Utilizaram fotos minhas sem autorização para me prejudicar	10	2,1%
Alteraram e divulgaram fotos minhas para me prejudicar	10	2,1%
Fizeram e/ou divulgaram vídeos meus para me fazerem mal	3	0,6%
Excluíram-me de um grupo <i>online</i> (ex. <i>Facebook</i> , jogo, etc.)	9	1,9%
Prejudicaram-me com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual	7	1,5%

De um modo geral, considerando a amostra no total (n=467), é possível observar que 5,6% (n=26) dos alunos receberam mensagens com ofensas, insultos e calúnias pelo menos uma vez no último ano, o que corresponde a cerca de 1 em cada 20 participantes.

Quadro 15 – Sentimentos das vítimas perante o *cyberbullying*

O que sentiste?	N	%
Senti-me triste	13	31%
Senti medo	10	23,8%
Senti-me desesperado/a	9	21,4%

Senti-me aterrorizado/a	3	7,1%
Senti vontade de me vingar	15	35,7%
Senti raiva	16	38,1%
Senti insegurança	6	14,3%
Senti-me humilhado/a	12	28,6%
Senti indiferença	5	11,9%
Senti-me injustiçado/a	1	2,4%
Senti vontade de fugir	5	11,9%
Senti vontade de não ver ninguém	3	7,1%
Senti-me sozinho/a e indefeso/a	6	14,3%
Senti-me culpado/a	2	4,8%
Senti-me confuso/a e perdido/a	4	9,5%
Outro sentimento.	1	2,4%

Quando questionados acerca do que sentiram aquando as agressões, a maioria dos 42 participantes que responderam à questão, admitiu ter sentido raiva, com 38,1% (n=16), vontade de vingança, com 35,7% (n=15) e tristeza, com 31% (n=13). Um dos participantes escolheu a alternativa “Outro sentimento” tendo descrito que sentiu “Fúria”.

Quadro 16 – Motivos evidenciados pelas vítimas de *cyberbullying*: quantidades e percentagens

Por que motivo(s) te fizeram isso?	N	%
Falta de respeito por mim	8	19%
Por inveja	9	21,4%
Divergência de opiniões	0	0%
Para se divertirem	13	31%
Por estarem aborrecidos	0	0%
Por não terem nada para fazer	7	16,7%
Por brincadeira	7	16,7%
Por diferenças entre nós (culturais, cor da pele, sexuais, etc.)	0	0%
Por ciúmes	6	14,3%
Quebra de amizades	5	11,9%
Por não gostarem de mim	12	28,5%
Por vingança	4	9,5%
Por se sentirem superiores	10	23,8%
Por imaturidade	7	16,7%
Não sei	9	21,4%
Porque eu já o(s) tinha agredido física ou verbalmente	2	4,8%
Outro motivo.	1	2,4%

Quanto aos motivos, a maioria dos 42 participantes que responderam à questão afirma ter sido para se divertirem, com 31% (n=13) e por não gostarem deles, com 28,5% (n=12). Um dos participantes selecionou a opção “Outro motivo” tendo escrito “Para me humilharem”.

Quadro 17 – Reações das vítimas após as agressões: quantidades e percentagens

O que fizeste tu a seguir?	N	%
Falei com a(s) pessoa(s) e pedi para parar(em)	9	21,4%
Bloqueei ou exclui o contacto	9	21,4%
Contei aos meus pais	11	26,2
Apresentei queixa às Forças de Segurança (GNR, PSP)	0	0%
Chorei	11	26,2%
Fiz-lhe(s) o mesmo	8	19%
Contei aos meus amigos	10	23,8%
Agredi fisicamente quem me fez isso	3	7,1%
Deixei de usar o telemóvel e/ou Internet	4	9,5%
Passei a ter mais cuidado	10	23,8%
Não fiz nada	9	21,4%
Contei aos meus professores	4	9,5%
Alterei os meus dados (perfil, <i>e-mail</i> , nº de telemóvel, etc.)	7	16,7%
Apaguei as mensagens, fotos, vídeos, etc.	11	26,2%
Contactei os fornecedores dos serviços (redes de telemóvel, gestor do <i>site</i> , etc.)	1	2,4%
Outra situação	5	11,9%

Quando questionados acerca do que fizeram a seguir, as opções mais selecionadas foram “Contei aos meus pais”, “Chorei” e “Apaguei as mensagens, fotos, vídeos, etc.”, tendo sido escolhidas 11 vezes, representando 26,2% das 42 respostas válidas. 4 dos 5 participantes que escolheram a opção “Outro”, descreveram outras atitudes como “Bloqueei a conta do *Facebook*”, “Desabafei com alguém”, “Guardei para mim até explodir” e “Mudei a pass do *Facebook*”.

Quadro 18 – Repercussões no *cyberbullying* após a reação das vítimas

O que aconteceu a seguir?	N	%
Pararam de me fazer mal	27	67,5%
Continuaram a fazer-me mal	8	20%

Fizeram ainda pior	5	12,5%
Total	40	100%

Quando questionados acerca do que aconteceu após as reações perante o *cyberbullying*, dos 40 participantes que responderam à questão, 67,5% (n=27) responderam que as agressões pararam, 20% (n=8) afirmaram que as agressões continuaram e 12,5% (n=5) responderam que as agressões pioraram.

Quadro 19 – Ano de escolaridade em que ocorreram as agressões segundo as vítimas

Em que ano de escolaridade te aconteceu o que descreveste?	N
3º	1
4º	3
5º	9
6º	6
7º	5
8º	6
10º	1
3º e 4º	1
5º e 6º	2
7º, 8º e 9º	1
7º e 8º	4
Total	39

Acerca do ano de escolaridade em que as agressões ocorreram, segundo os 39 participantes que responderam à questão, verifica-se uma maior incidência nos 5º, 7º e 8º anos de escolaridade.

4.4. *Cyberbullying*: incidência, ocorrência e impacto segundo os agressores

A terceira parte do questionário é destinada àqueles que já tinham praticado *cyberbullying* no último ano, sendo a primeira questão: “Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet?”.

Quadro 20 – Frequência da prática do *cyberbullying* segundo os agressores

Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet?	N	%
Nunca	442	95,5%
Cerca de 1 a 4 vezes por ano	16	3,5%
Cerca de 1 vez por semana	2	0,4%
Várias vezes por semana	3	0,6%
Total	463	100%

No que diz respeito aos agressores, dos 463 participantes que responderam à questão, 3,5% (n=16) admitiu ter agredido outrem cerca de 1 a 4 vezes por ano, 0,4% (n=2) cerca de 1 vez por semana e 0,6% (n=3) várias vezes por semana.

Quadro 21 – Frequência da prática do *cyberbullying* segundo os agressores: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama

Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet?	Escola				Total	
	Instituto Vasco da Gama		Colégio Rainha Santa Isabel			
	N	%	N	%	N	%
Nunca me aconteceu	167	97,1%	275	94,5%	420	95,5%
Cerca de 1 a 4 vezes por ano	2	1,2%	14	4,8%	26	3,5%
Cerca de 1 vez por semana	0	0,0%	2	0,7%	5	0,4%
Várias vezes por semana	3	1,7%	0	0,0%	6	0,6%
Total	172	100%	291	100%	463	100%

Fazendo a distinção entre as duas escolas, verifica-se que 97,1% (n=167) dos participantes do Instituto Vasco da Gama negaram ter praticado atos de *cyberbullying* contra 94,5% (n=442) dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel. Relativamente ao Instituto Vasco da Gama, 1,2% (n=2) admitiu ter praticado *cyberbullying* cerca de uma a quatro vezes por ano e 1,7% (n=3) várias vezes por semana. Dos participantes do Colégio Rainha Santa Isabel, 4,8% (n=16) admitiu ter praticado *cyberbullying* cerca de uma a quatro vezes por semana e 0,7% (n=2) cerca de uma vez por semana.

Quadro 22 – Quantidade e percentagem de agressores e não agressores

Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet?	N	%
Sim	24	5,1%
Não	443	94,9%
Total	467	100%

De um modo geral, 24 participantes preencheram a Parte III do questionário, representando 5,1% da amostra total (n=467) admitindo, desta forma, terem praticado *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano.

Quadro 23 – Agressores e não agressores: comparação de resultados entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama

	Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet?					
	Sim		Não		Total	
	N	%	N	%	N	%
Instituto Vasco da Gama	6	3,5%	167	96,5%	173	100%
Colégio Rainha Santa Isabel	18	6,1%	276	93,9%	294	100%

Relacionando as duas escolas do mesmo modo geral, verifica-se que 3,5% (n=6) dos 173 participantes do instituto Vasco da Gama admitiram ter praticado *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, contra 6,1% (n=18) dos 294 participantes do Colégio Rainha Santa Isabel.

Quadro 24 – *Cyberbullies* consoante o género

		Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet?	
		Sim	
		N	%
Sexo	Masculino	14	58,3%
	Feminino	10	41,7%
Total		24	100%

Quanto ao género, verifica-se que que, dos 24 participantes que confessaram ter praticado *cyberbullying* no último ano, 58,3% (n=14) pertencem ao sexo masculino e 41,7% (n=10) pertencem ao sexo feminino.

Quadro 25 – Equipamentos usados para a prática do *cyberbullying* segundo os agressores

Que equipamento usaste para fazer isso?	N	%
Telemóvel	7	30,4%
Computador	10	43,5%
Telemóvel e computador	4	17,4%
Outro	2	8,7%
Total	23	100%

No que diz respeito ao equipamento usado para a prática do *cyberbullying*, dos 23 participantes que responderam à questão, a maioria, com 43,5% (N=10), respondeu ter usado o computador, 30,4% (n=7) admite ter usado o telemóvel, 17,4% (=4) usou ambos e 8,7% (n=2) responderam ter usado outro tipo de equipamento, não tendo, no entanto, especificado qual.

Quadro 26 – Meios usados para a prática do *cyberbullying* segundo os agressores

Que meio(s) utilizaste para fazer isso?	N	%
Chamadas telefónicas	7	30,4%
SMS	7	30,4%
MMS	1	4,3%
<i>E-mail</i>	0	0,0%
<i>Chat</i>	1	4,3%
Mensagens instantâneas	1	4,3%
Páginas da Internet	7	30,4%

Relativamente aos meios usados para a prática, os participantes podiam seleccionar mais do que uma alternativa. Verifica-se que a maioria dos 23 participantes que responderam à questão prefere as chamadas telefónicas, o envio de SMS e as páginas da Internet, com 30,4% (=7) de preferências nas três opções.

Quadro 27 – Prática do *cyberbullying*: individual ou em grupo

Fizeste isso sozinho ou em grupo?	N	%
Sozinho	13	59,1%
Em grupo	9	40,9%
Total	22	100%

Dos 22 participantes que responderam à questão “Fizeste sozinho ou em grupo?”, 59,1% (n=13) responderam terem feito sozinhos e 40,9% (n=9) responderam terem feito em grupo.

Quadro 28 – Destinatários das agressões segundo os *cyberbullies*

A quem é que fizeste isso?	N	%
Rapaz	7	33,3%
Rapariga	6	28,6%
Grupo de rapazes	2	9,5%
Grupo de raparigas	0	0,0%
Grupo de rapazes e raparigas	6	28,6%
Um adulto (ou grupo de adultos)	0	0,0%
Total	21	100%

Quanto ao destinatário das agressões, dos 21 participantes que responderam a questão, 33,3% (n=7) dirigiu as agressões a um rapaz, 28,6% (n=6) a uma rapariga, 9,5% (n=2) a um grupo de rapazes e 28,6% (n=6) a um grupo misto. As opções “grupo de raparigas” e “um adulto (ou grupo de adultos)” não foram seleccionadas por nenhum dos participantes.

Quadro 29 – Quantidade e percentagem de vítimas/colegas de escola, segundo os *cyberbullies*

Aqueles a quem fizeste mal eram colega(s) da escola?	N	%
Sim	13	56,5%
Não	10	43,5%
Total	23	100%

Dos 23 participantes que responderam à questão “Aqueles a quem fizeste mal eram colegas de escola?”, 56,5% (n=13) responderam que sim e 43,5% (n=10) responderam que não.

Quadro 30 – Relação pessoal com as vítimas na perspectiva dos agressores

Tinhas alguma relação pessoal com a(s) pessoa(s) a quem fizeste mal?	N	%
Sim	12	52,2%
Não	11	47,8%
Total	23	100%

Quanto à relação pessoal, dos 23 participantes que responderam á questão, 52,2% (n=12) afirmaram que mantinham uma relação pessoal com a vítima, enquanto que 47,8% (n=11) negaram manter qualquer relação.

Quadro 31 – Tipo de relação pessoal com as vítimas na perspectiva dos agressores

Qual a relação?	N	%
Namorado/a	1	10%
Amigo	7	70%
Amiga	2	20%
Total	10	100%

Quanto ao tipo de relação que mantinham com as vítimas, dos 10 participantes que responderam à questão, 10% (n=1) afirmou ter sido com o namorado, 70% (n=7) com um amigo e 20% (n=2) com uma amiga.

Quadro 32 – Frequência dos tipos de *cyberbullying* praticados pelos agressores

Indica, por favor, o que fizeste através do telemóvel e/ou da Internet.	Nunca		Cerca de 1 a 4 vezes por ano		Cerca de 1 vez por mês		Cerca de 1 vez por semana		Várias vezes por semana	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Persegui e ameacei de forma repetida	17	77,3%	4	18,2%	0	0%	0	0%	1	4,5%
Espalhei boatos sobre ele(s)/ela(s)	17	77,3%	4	18,2%	1	4,5%	0	0%	0	0%
Enviei mensagens com ofensas, insultos e calúnias	14	63,6%	6	27,3%	0	0%	1	4,5%	1	4,5%
Enviei mensagens a gozar	13	59,1%	6	27,3%	0	0%	3	13,6%	0	0%
Fiz-me passar por ele(s)/ela(s) para o/a(s) prejudicar	20	90,9%	1	4,5%	0	0%	1	4,5%	0	0%
Revelei segredos ou	17	77,3%	4	18,2%	1	4,5%	0	0%	0	0%

informações sobre a vida privada										
Tirei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar	22	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Utilizei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar	21	95,5%	0	0%	0	0%	1	4,5%	0	0%
Altereí e divulguei fotos para o/a(s) prejudicar	21	95,5%	0	0%	0	0%	1	4,5%	0	0%
Fiz e/ou divulguei vídeos para o/a(s) fazer mal	21	95,5%	0	0%	0	0%	1	4,5%	0	0%
Excluí-o/a(s) de um grupo <i>online</i> (ex. <i>Facebook</i> , jogo, etc.)	17	77,3%	4	18,2%	0	0%	1	4,5%	0	0%
Prejudiquei-o/a(s) com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual	22	100%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%

Observando o Quadro 32, verifica-se que, dos 22 participantes que o preencheram, existe uma maior prevalência da opção “Enviei mensagens com ofensas, insultos e calúnias”, em que a mesma foi selecionada 6 vezes na categoria “Cerca de 1 a 4 vezes por ano”, representando 27,3% dos participantes, e 1 vez nas categorias “Cerca de 1 vez por semana” e “Várias vezes por semana”, representando ambas 4,5% dos participantes. A segunda opção com maior prevalência é a “Enviei mensagens a gozar”, selecionada 6 vezes na categoria “Cerca de 1 a 4 vezes por ano”, representando 27,3% dos participantes e 3 vezes na categoria “Cerca de 1 vez por semana”, representando 13,6% dos participantes.

Quadro 33 – Tipos de *cyberbullying* praticados pelos agressores: quantidade e percentagem de ocorrência

Indica, por favor, o que fizeste através do telemóvel e/ou da Internet.	N	%
Persegui e ameacei de forma repetida	5	20,8%
Espalhei boatos sobre ele(s)/ela(s)	5	20,8%
Enviei mensagens com ofensas, insultos e calúnias	8	33,3%
Enviei mensagens a gozar	9	37,5%
Fiz-me passar por ele(s)/ela(s) para o/a(s) prejudicar	2	8,3%
Revelei segredos ou informações sobre a vida privada	5	20,8%
Tirei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar	0	
Utilizei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar	1	4,2%

Alterei e divulguei fotos para o/a(s) prejudicar	1	4,2%
Fiz e/ou divulguei vídeos para lhe(s) fazer mal	1	4,2%
Excluí-o/a(s) de um grupo <i>online</i> (ex. <i>Facebook</i> , jogo, etc.)	5	20,8%
Prejudiquei-o/a(s) com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual	0	0

No que diz respeito à forma como foi praticado o *cyberbullying*, a maioria dos 24 participantes que preencheram a parte III do questionário, admitiu ter sido através de “mensagens a gozar”, com 37,5% (n=9). A segunda resposta mais selecionada foi “Enviei mensagens com ofensas e insultos”, com 33,3% (n=8) de respostas selecionadas. As opções “Persegui e ameacei”, “Espalhei boatos”, “Revelei segredos ou informações” e “Excluí-o de um grupo *online*” foram selecionadas por 20,8% (n=5) dos participantes. A categoria “Fiz-me passar por eles” foi escolhida por 8,3% (n=2) dos participantes e as opções “Utilizei fotos sem autorização”, “Alterei e divulguei fotos” e “Fiz e ou divulguei vídeos” foram selecionadas uma vez, correspondendo a 4,2% das respostas. Os participantes também tinham as opções “Tirei fotos sem autorização” e “Prejudiquei-o com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual”, não havendo registo de seleção. Os participantes eram convidados a descrever outra situação que não figurasse nas categorias acima descritas. 20,8% (n=5) dos inquiridos selecionou “Outra situação”. Três participantes descreveram que “Foi a brincar”, “Inventei histórias” e “Chamadas anónimas” com uma frequência cerca de 1 vez por semana. Outro participante escreveu “Ignorei-o” cerca de uma vez por mês.

Quadro 34 – Ocorrência dos tipos de *cyberbullying* consoante o género dos agressores

Indica, por favor, o que fizeste através do telemóvel e/ou da Internet.	Sexo	
	Masculino	Feminino
	N	N
Persegui e ameacei de forma repetida	1	4
Espalhei boatos sobre ele(s)/ela(s)	1	4
Enviei mensagens com ofensas, insultos e calúnias	4	4
Enviei mensagens a gozar	5	4
Fiz-me passar por ele(s)/ela(s) para o/a(s) prejudicar	1	1
Revelei segredos ou informações sobre a vida privada	3	2
Tirei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar	0	0
Utilizei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar	0	1
Alterei e divulguei fotos para o/a(s) prejudicar	0	1
Fiz e/ou divulguei vídeos para lhe(s) fazer mal	1	0
Excluí-o/a(s) de um grupo <i>online</i> (ex. <i>Facebook</i> , jogo,	4	1

etc.)		
Prejudiquei-o/a(s) com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual	0	0

Numa tentativa de perceber que tipo de *cyberbullying* é mais propenso em cada género, foram cruzados os dados entre os atos de *cyberbullying* praticados e o género. Perante os resultados, verifica-se que as raparigas assinalaram mais as opções “Persegui e ameacei de forma repetida”, “Espalhei boatos sobre ele(s)/ela(s)”, “Utilizei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar” e “Altere e divulguei fotos para o/a(s) prejudicar”. Os rapazes assinalaram mais as opções “Enviei mensagens a gozar”, “Revelei segredos ou informações sobre a vida privada”, “Fiz e/ou divulguei vídeos para lhe(s) fazer mal” e “Excluí-o/a(s) de um grupo *online* (ex. *Facebook*, jogo, etc.)”. Ambos os géneros selecionaram na mesma proporção as opções “Enviei mensagens com ofensas, insultos e calúnias” e “Fiz-me passar por ele(s)/ela(s) para o/a(s) prejudicar”.

Quadro 35 – Perspetiva dos *cyberbullies* quanto aos sentimentos das vítimas

O que achas que a(s) pessoas sentiu(sentiram)?	N	%
Medo	3	13%
Desespero	2	8,7%
Tristeza	6	26,1%
Raiva	9	39,1%
Insegurança	3	13%
Humilhação	5	21,7%
Vontade de vingança	11	47,8%
Sentiu-se (sentiram-se) aterrorizado/a(s)	1	4,3%
Indiferença	9	39,1%
Injustiça	3	13%
Vontade de fugir	1	4,3%
Vontade de não ver ninguém	0	0%
Sozinho/a(s) e indefeso/a(s)	2	8,7%
Culpa	5	21,7%
Sentiu-se (sentiram-se) confuso/a(s) e perdido/a(s)	3	13%
Outro sentimento.	0	0%

Relativamente ao que acharam que as vítimas sentiram, a maioria dos 23 participantes que responderam à questão pensa que as vítimas sentiram vontade de vingança, com 47,8% (n=11) de respostas, seguido de raiva e indiferença, com 39,1% (n=9) em ambos. 26,1% (n=6) admitiu que as vítimas possam ter sentido tristeza.

Quadro 36 – Motivos para a prática do *cyberbullying* segundo os agressores

Por que motivo(s) fizeste isso?	N	%
Falta de respeito	2	8,7
Por inveja	0	0%
Divergência de opiniões	1	4,3
Para me divertir	5	21,7
Por estar aborrecido	2	8,7
Por não ter nada para fazer	2	8,7
Por brincadeira	9	39,1
Por diferenças entre nós (culturais, cor da pele, sexuais, etc.)	1	4,3
Por ciúmes	2	8,7
Quebrade amizades	2	8,7
Por não gostar dele/a(s)	3	13
Por vingança	7	30,4
Por me sentir superior	2	8,7
Por imaturidade	2	8,7
Não sei	1	4,3
Porque me tinham agredido física ou verbalmente	5	21,7
Outro motivo	0	0%

Quando questionados acerca do motivo que os levou à prática do *cyberbullying*, a maioria dos 23 participantes que respondeu à questão, afirma ter sido por brincadeira, com 39,1% (n=9) das respostas, seguido de vingança, com 30,4% (n=7). As opções “Para me divertir” e “Porque me tinham agredido física ou verbalmente” foram selecionadas 5 vezes, representando 21,7% dos participantes.

Quadro 37 – Sentimentos gerados nos agressores aquando a prática do *cyberbullying*

O que sentiste quando fizeste isso?	N	%
Senti-me satisfeito/a	6	27,3%
Senti medo	0	0%
Senti prazer nisso	0	0%
Senti-me triste	2	9,1%
Senti-me zangado/a comigo	4	18,2%
Senti-me aliviado/a	5	22,7%
Senti insegurança	2	9,1%
Senti-me mais forte	6	27,3%
Senti indiferença	7	31,8%
Senti-me arrependido/a	4	18,2%
Senti que era divertido fazer o que fiz	4	18,2%
Senti vontade de não ver ninguém	2	9,1%
Senti-me admirado/a pelos outros	0	0%
Senti-me culpado/a	4	18,2%
Senti-me confuso/a e perdido/a	0	0%
Senti-me aterrorizado/a	1	4,5%
Outro sentimento	2	9,1%

Quanto ao que sentiram aquando a prática do *cyberbullying*, a maioria dos 22 participantes que responderam à questão confessaram terem sentido indiferença, opção selecionada 7 vezes, representando 31,8% das respostas e 27,3% (n=6) admitiram terem-se sentido satisfeitos e mais fortes. Quanto a descreverem outro tipo de sentimento que não figurasse nas opções, um dos participantes descreveu como ter-se sentido “protetor de mim próprio” e outro participante sentiu que estava a “brincar com uma pessoa amiga”.

Quadro 38 – Acontecimentos após as agressões segundo os *cyberbullies*

O que te aconteceu a seguir?	N
Agrediram-me	1
Ameaçaram-me	1
Contei à pessoa para não levar a mal.	1
Ela respondeu	1
Eles disseram que me matavam.	1

Excluí a amizade dela no <i>facebook</i> .	1
Fui brincar.	1
Fui falar com a pessoa a quem fiz isso.	1
Nada	6
No outro dia fomos dizer e ele não se importou.	1
Pararam de fazer o que me faziam.	1
Pedimos desculpa um ao outro e voltamos a ter confiança.	1
Trocámos ofensas.	1
Total	18

Quando questionados acerca do que sucedeu a seguir às agressões, dos 18 participantes que responderam à questão, 6 deles responderam não ter acontecido nada. Quatro optaram por falar com a vítima. Contudo, verifica-se que 3 dos participantes descreveram que trocaram ofensas, foram agredidos e ameaçados, inclusive, de “morte”.

Quadro 39 – Ano de escolaridade dos *cyberbullies* aquando as agressões

Em que ano de escolaridade andavas quando fizeste isso?	N
3º	1
4º	2
5º	4
6º	3
7º	2
8º	7
9º	1
7º e 8º	2
Total	22

Relativamente ao ano de escolaridade que frequentavam aquando a prática do *cyberbullying*, observando as respostas dos 22 participantes que responderam, verifica-se uma maior incidência no 8º ano.

4.5. Perceção dos jovens quanto à denúncia do *cyberbullying*: a quem pedir ajuda?

Os participantes foram questionados acerca da sua opinião relativamente a quem achavam que as vítimas deveriam pedir ajuda.

Quadro 40 – As vítimas de *cyberbullying* e a quem podem pedir ajuda: perspetiva dos participantes.

Perante situações como estas, a quem é que as vítimas devem pedir ajuda?	N	%
Aos pais	420	91,3%
A outros familiares	86	18,7%
A colegas	143	31,1%
Aos professores	226	49,1%
A autoridades policiais	193	42%
Aos fornecedores dos serviços (gestor de <i>sites</i> , redes de telemóveis, etc.)	69	15%
Outra pessoa	9	2%

Verifica-se que dos 460 alunos que responderam à questão, 420 responderam que deveria ser pedida ajuda aos pais, representando 91,3% do total da amostra; 226 participantes escolheram os professores, com 49,1% de escolha; 193 acham que se deve pedir ajuda às autoridades policiais, com 42% de seleção; 143 acham que deve ser pedida ajuda aos colegas, com 31,1% de respostas; 86 escolheram outros familiares, com 18,7%; 69 acham que a ajuda deve ser pedida aos fornecedores dos serviços, com 15%.

Dos 9 dos participantes que selecionaram a opção “Outra pessoa”, 5 acham que se deve pedir ajuda a um psiquiatra (n=2), aos funcionários (n=1), a uma psicóloga (n=1) e aos amigos (n=1).

4.6. As relações na família e o ambiente na escola segundo a perspetiva dos participantes

A parte IV do questionário destinava-se a avaliar a relação entre os participantes e a família. Perante uma série de afirmações, os participantes poderiam escolher 4 alternativas segundo a Escala de Likert: Discordo totalmente, Discordo, Concordo e Concordo totalmente.

Quadro 41 – As relações na família do ponto de vista dos participantes segundo a Escala de Likert

Como vêes as relações entre as pessoas da tua família?	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Total de respostas válidas
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Os meus pais/encarregado de educação procuram saber o que faço com as tecnologias	21	4,5%	56	12,1%	239	51,6%	147	31,7%	463
Dialogamos abertamente uns com os outros	7	1,5%	56	12,1%	196	42,4%	203	43,9%	462
Apoiamo-nos uns aos outros	2	0,4%	15	3,2%	157	34%	288	62,3%	462
Raramente conversamos	341	74,3%	90	19,6%	21	4,6%	7	1,5%	459
Os meus pais/encarregado de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias	40	8,6%	90	19,4%	210	45,3%	124	26,7%	464
Expressamos afeto uns pelos outros	6	1,3%	16	3,4%	182	39,8%	253	55,4%	457
Cada um resolve os seus problemas por si mesmo	211	45,8%	196	42,5%	47	10,2%	7	1,5%	461
Sinto que posso fazer tudo aquilo que quero	207	45%	213	46,3%	30	6,5%	10	2,2%	460
Posso contar com a ajuda da minha família quando preciso	5	1,1%	13	2,8%	84	18,3%	358	77,8%	460
É pouco habitual partilharmos os problemas uns com os outros	197	42,8%	178	38,7%	63	13,7%	22	4,8%	460
Preocupamo-nos uns com os outros	7	1,5%	7	1,5%	117	25,4%	329	71,5%	460
Quando tenho um problema os meus pais/encarregado de educação resolvem-no	18	3,9%	93	20,4%	197	43,1%	149	32,6%	457

Relativamente aos resultados, focemo-nos nos que considero desviarem-se dos padrões “normais” do que é esperado dado a faixa etária da amostra. 12,1% (n=56) em 463 participantes discorda que os pais/encarregados de educação procuram saber o que fazem com as tecnologias. 4,5% (n=21) discorda totalmente; 12,1% (n=56) confessou não dialogar abertamente com a família e 1,5% (n=7) não dialoga de todo; 19,4% (n=90) discordam com o facto de os pais/encarregados de educação estabelecerem regras para o uso das tecnologias. 8,6% (n=40) discorda totalmente; 13,7% (n=63) concorda que é pouco habitual partilharem os problemas uns com os outros. 4,8% (n=22) concorda totalmente com a afirmação; 20,4% (n=93) não concorda que quando têm um problema os pais/encarregados de educação o resolvem. 3,9% (n=18) discorda totalmente.

Quadro 42 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com escala simplificada (Concordo e Discordo)

Como vê as relações entre as pessoas da tua família?	Concordo		Discordo		Total de respostas válidas
	N	%	N	%	
Os meus pais/encarregado de educação procuram saber o que faço com as tecnologias	386	83,4%	77	16,6%	463
Dialogamos abertamente uns com os outros	399	86,4%	63	13,6%	462
Apoiamo-nos uns aos outros	445	96,3%	17	3,7%	462
Raramente conversamos	28	6,1%	431	93,9%	459
Os meus pais/encarregado de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias	334	72%	130	28%	464
Expressamos afeto uns pelos outros	435	95,2%	22	4,8%	457
Cada um resolve os seus problemas por si mesmo	54	11,7%	407	88,3%	461
Sinto que posso fazer tudo aquilo que quero	40	8,7%	420	91,3%	460
Posso contar com a ajuda da minha família quando preciso	442	96,1%	18	3,9%	460
É pouco habitual partilharmos os problemas uns com os outros	85	18,5%	375	81,5%	460
Preocupamo-nos uns com os outros	446	97%	14	3%	460
Quando tenho um problema os meus pais/encarregado de educação resolvem-no	403	87,2%	59	12,8%	457

Numa tentativa de analisar a margem de diferença entre os itens positivos e negativos, foram agregadas as categorias Discordo e Discordo Totalmente num único item “Discordo” e as categorias Concordo e Concordo totalmente num único item “Concordo”. Verifica-se que, regra geral, todas apresentam diferenças percentuais significativas entre si. Contudo, a que apresenta menor diferença é a afirmação “Os meus pais/encarregado de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias”, em que 72% (n=334) concordou com a afirmação e 28% (130) não concordou, em 464 respostas válidas.

Quadro 43 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama

Como vê as relações entre as pessoas da tua família?	Escola								Total de respostas válidas
	Instituto Vasco da Gama				Colégio Rainha Santa Isabel				
	Concordo		Discordo		Concordo		Discordo		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Os meus pais/encarregado de educação procuram saber o que faço com as tecnologias	149	87,1%	22	12,9%	237	81,2%	55	18,8%	463
Dialogamos abertamente uns com os outros	147	87%	22	13%	252	86%	41	14%	462
Apoiamo-nos uns aos outros	7	4,1%	163	95,9%	10	3,4%	282	96,6%	462
Raramente conversamos	16	9,5%	153	90,5%	12	4,1%	278	95,9%	459
Os meus pais/encarregado de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias	137	80,1%	34	19,9%	197	67,2%	96	32,8%	464
Expressamos afeto uns pelos outros	157	94,6%	9	5,4%	278	95,5%	13	4,5%	457
Cada um resolve os seus problemas por si mesmo	21	12,4%	149	87,6%	33	11,3%	258	88,7%	461
Sinto que posso fazer tudo aquilo que quero	17	10,1%	152	89,9%	23	7,9%	268	92,1%	460
Posso contar com a ajuda da minha família quando preciso	161	95,8%	7	4,2%	281	96,2%	11	3,8%	460
É pouco habitual partilharmos os problemas uns com os outros	42	24,9%	127	75,1%	43	14,8%	248	85,2%	460
Preocupamo-nos uns com os outros	159	94,6%	9	5,4%	287	98,3%	5	1,7%	460
Quando tenho um problema os meus pais/encarregado de educação resolvem-no	139	82,2%	30	17,8%	207	71,9%	81	28,1%	457

Quanto à distinção de resultados entre as duas escolas alvo, verificamos que, de um modo geral, não existem diferenças significativas entre as respostas dadas em ambas, à exceção de algumas afirmações. Podemos observar que quanto aos pais/encarregados de educação estabelecerem regras para o uso de tecnologias, 80,1% (n=34) dos alunos do Instituto Vasco da Gama concordaram com a afirmação, contra 67,2% (n=96) dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel; 24,9% (n=42) dos alunos do Instituto Vasco da Gama dizem ser pouco habitual partilharem os problemas com a família, contra 14,8% (n=43) dos alunos do Colégio rainha Santa; contudo, 28,1% (n=81) dos alunos Colégio rainha Santa Isabel afirmam que quando têm um problema

os pais/encarregados de educação não o resolvem, contra 17,8% (n=30) dos alunos do Instituto Vasco da Gama.

Quadro 44 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre vítimas e não vítimas

Como vês as relações entre as pessoas da tua família?	Vítimas				Não vítimas			
	Concordo		Discordo		Concordo		Discordo	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Os meus pais/encarregado de educação procuram saber o que faço com as tecnologias	29	64,4%	16	35,6%	357	85,4%	61	14,6%
Dialogamos abertamente uns com os outros	30	66,7%	15	33,3%	369	88,5%	48	11,5%
Apoiamo-nos uns aos outros	40	88,9%	5	11,1%	405	97,1%	12	2,9%
Raramente conversamos	9	20%	36	80%	19	4,6%	395	95,4%
Os meus pais/encarregado de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias	30	66,7%	15	33,3%	304	72,6%	115	27,4%
Expressamos afeto uns pelos outros	40	90,9%	4	9,1%	395	95,6%	18	4,4%
Cada um resolve os seus problemas por si mesmo	16	35,6%	29	64,4%	38	9,1%	378	90,9%
Sinto que posso fazer tudo aquilo que quero	6	13,3%	39	86,7%	34	8,2%	381	91,8%
Posso contar com a ajuda da minha família quando preciso	43	95,6%	2	4,4%	399	96,1%	16	3,9%
É pouco habitual partilharmos os problemas uns com os outros	17	37,8%	28	62,2%	68	16,4%	347	83,6%
Preocupamo-nos uns com os outros	42	93,3%	3	6,7%	404	97,3%	11	2,7%
Quando tenho um problema os meus pais/encarregado de educação resolvem-no	28	63,6%	16	36,4%	318	77%	95	23%

Neste ponto, torna-se também importante observar as respostas das vítimas e das não vítimas, numa tentativa de verificar se existem diferenças entre os dois grupos na perceção da relação com a família. Verifica-se que 35,6% (n=16) das vítimas não acham que os pais/encarregados de educação procuram saber o que fazem com as tecnologias, contra 14,6% (n=61) das não vítimas; 33,3% (n=15) das vítimas negam dialogar abertamente com a família, contra 11,5% (n=48) das não vítimas; 11,1% (n=5) das vítimas confessa que os membros da sua família não se apoiam uns aos outros, contra 2,9% (n=12) das não vítimas; 20% (n=9) das vítimas afirma que raramente conversam com a família, contra 4,6% (n=19) das não vítimas; 33,3% (n=15) das vítimas negam que os pais/encarregados de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias, contra 27,4% (n=115) das não vítimas; 9,1% (n=4) das vítimas indica não existir expressões de afeto entre os membros da família, contra 4,4% (n=18) das não vítimas;

35,6% (n=16) das vítimas acham que cada um resolve os problemas por si mesmo, contra 9,1% (n=38) das não vítimas; 13,3% (n=6) das vítimas acham que podem fazer tudo aquilo que querem, contra 8,2% (n=34) das não vítimas; 4,4% (n=2) das vítimas sentem que não podem contar com a ajuda da família quando precisam, contra 3,9% (n=16) das não vítimas; 37,8% (n=17) das vítimas confessam ser pouco habitual a partilha dos problemas entre os membros da família, contra 16,4% (n=68) das não vítimas; 6,7% (n=3) das vítimas indica que os membros da sua família não se preocupam uns com os outros, contra 2,7% (n=11) das não vítimas; e 36,4% (n=16) das vítimas indicam que quando têm um problema os pais/encarregados de educação não o resolvem, contra 23% (n=95) das não vítimas.

Quadro 45 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes segundo a Escala de Likert

Como vê o ambiente da tua escola?	Discordo totalmente		Discordo		Concordo		Concordo totalmente		Total de respostas válidas
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sinto-me contente quando vou para a escola	17	3,7%	42	9,1%	245	53%	158	34,2%	462
Quando temos um problema sabemos quem nos pode apoiar	7	1,5%	23	5%	211	45,9%	219	47,6%	460
Na minha escola existem regras para o uso das tecnologias	9	1,9%	41	8,9%	206	44,6%	206	44,6%	462
As pessoas sentem-se inseguras na minha escola	211	45,8%	194	42,1%	44	9,5%	12	2,6%	461
Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores	25	5,5%	118	25,9%	179	39,3%	134	29,4%	456
As regras de convivência na minha escola são pouco conhecidas	145	31,7%	212	46,3%	84	18,3%	17	3,7%	458
Na minha escola, entre os colegas, vigora a lei do mais forte	208	45,5%	151	33%	74	16,2%	24	5,3%	457
Na minha escola há medidas para prevenir a violência	13	2,8%	36	7,8%	203	44,1%	208	45,2%	460
Sinto-me um estranho na minha escola	303	65,9%	115	25%	27	5,9%	15	3,3%	460
Na minha escola há boas relações entre todos	17	3,8%	54	12,2%	200	45,1%	172	38,8%	443

Os participantes eram também convidados a descrever o ambiente da escola. Perante várias afirmações, foi usada a mesma Escala de Likert: Discordo totalmente, Discordo, Concordo e Concordo totalmente. Podemos observar que 25,9% (n=118) dos alunos discorda com a afirmação “Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores”, 5,5% (n=25) discorda totalmente; 18,3% (n=84) concorda com a

afirmação “As regras de convivência da minha escola são pouco conhecidas”, 3,7% concorda totalmente; 16,4% (=74) concorda com a frase “Na minha escola, entre os colegas, vigora a lei do mais forte”, 5,3% (n=24) concorda totalmente; quanto à afirmação “Na minha escola há boas relações entre todos”, 12,2% (n=54) discordam e 3,8% (n=17) discordam totalmente.

Quadro 46 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo)

Como vê o ambiente da tua escola?	Concordo		Discordo		Total
Sinto-me contente quando vou para a escola	403	87,2%	59	12,8%	462
Quando temos um problema sabemos quem nos pode apoiar	430	93,5%	30	6,5%	460
Na minha escola existem regras para o uso das tecnologias	412	89,2%	50	10,8%	462
As pessoas sentem-se inseguras na minha escola	56	12,1%	405	87,9%	461
Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores	313	68,6%	143	31,4%	456
As regras de convivência na minha escola são pouco conhecidas	101	22,1%	357	77,9%	458
Na minha escola, entre os colegas, vigora a lei do mais forte	98	21,4%	359	78,6%	457
Na minha escola há medidas para prevenir a violência	411	89,3%	49	10,7%	460
Sinto-me um estranho na minha escola	42	9,1%	418	90,9%	460
Na minha escola há boas relações entre todos	372	84%	71	16%	443

De um modo geral, partindo da mesma regra de análise da questão 39 do questionário, podemos observar que 12,9% dos alunos não se sentem contentes quando vão para a escola, o que corresponde a 59 participantes em 462 que responderam à questão; 12,1% (n=56) das 461 respostas válidas, afirmam que as pessoas se sentem inseguras na escola; 31,4% (n=143) dos 456 participantes que responderam à questão sentem que não podem dialogar sobre todos os assuntos com os professores; 22,1% (n=101) das 458 respostas validadas indicam que as regras de convivência da escola são pouco conhecidas; dos 457 participantes que responderam á questão, 21,4% (n=98) acredita que na escola vigora a lei do mais forte; 16% (n=71) dos 443 alunos que responderam à questão sente que não existem boas relações entre todos na escola.

Quadro 47 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama

Como vê o ambiente da tua escola?	Escola								Total de respostas válidas
	Instituto Vasco da Gama				Colégio Rainha Santa Isabel				
	Concordo		Discordo		Concordo		Discordo		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Sinto-me contente quando vou para a escola	150	88,8%	19	11,2%	253	86,3%	40	13,7%	462
Quando temos um problema sabemos quem nos pode apoiar	156	92,9%	12	7,1%	274	93,8%	18	6,2%	460
Na minha escola existem regras para o uso das tecnologias	151	89,3%	18	10,7%	261	89,1%	32	10,9%	462
As pessoas sentem-se inseguras na minha escola	23	13,6%	146	86,4%	33	11,3%	259	88,7%	461
Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores	122	73,9%	43	26,1%	191	65,6%	100	34,4%	456
As regras de convivência na minha escola são pouco conhecidas	48	28,7%	119	71,3%	53	18,2%	238	81,8%	458
Na minha escola, entre os colegas, vigora a lei do mais forte	36	21,6%	131	78,4%	62	21,4%	228	78,6%	457
Na minha escola há medidas para prevenir a violência	149	88,7%	19	11,3%	262	89,7%	30	10,3%	460
Sinto-me um estranho na minha escola	19	11,2%	150	88,8%	23	7,9%	268	92,1%	460
Na minha escola há boas relações entre todos	139	90,3%	15	9,7%	233	80,6%	56	19,4%	443

Fazendo novamente a comparação de resultados entre o Instituto Vasco da Gama e o Colégio Rainha Santa Isabel, no que diz respeito ao ambiente na escola, verifica-se que não existem diferenças significativas na maioria das respostas. Contudo, algumas chamam a atenção: 26,1% (n=43) dos alunos do Instituto Vasco da Gama consideram que não podem dialogar sobre todos os assuntos com os professores, contra 34,3% (n=100) dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel; 18,2% (n=53) dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel afirmam que as regras de convivência da escola são pouco conhecidas. 28,7% (n=48) dos alunos do Instituto Vasco da Gama concordam com a afirmação; 9,7% (n=15) dos alunos do Instituto Vasco da Gama sentem que não existem boas relações entre todos, enquanto que 19,4% (56) dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel sentem o mesmo.

Quadro 48 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre as vítimas e as não vítimas

Como vêes o ambiente da tua escola?	Vítimas				Não vítimas			
	Concordo		Discordo		Concordo		Discordo	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sinto-me contente quando vou para a escola	34	75,6%	11	24,4%	369	88,5%	48	11,5%
Quando temos um problema sabemos quem nos pode apoiar	34	75,6%	11	24,4%	396	95,4%	19	4,6%
Na minha escola existem regras para o uso das tecnologias	40	88,9%	5	11,1%	372	89,2%	45	10,8%
As pessoas sentem-se inseguras na minha escola	11	24,4%	34	75,6%	45	10,8%	371	89,2%
Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores	27	61,4%	17	38,6%	286	69,4%	126	30,6%
As regras de convivência na minha escola são pouco conhecidas	11	24,4%	34	75,6%	90	21,8%	323	78,2%
Na minha escola, entre os colegas, vigora a lei do mais forte	18	40%	27	60%	80	19,4%	332	80,6%
Na minha escola há medidas para prevenir a violência	35	77,8%	10	22,2%	376	90,6%	39	9,4%
Sinto-me um estranho na minha escola	12	26,7%	33	73,3%	30	7,2%	385	92,8%
Na minha escola há boas relações entre todos	29	65,9%	15	34,1%	343	86%	56	14%

À semelhança do que foi efetuado no Quadro 42, faz-se agora a comparação de respostas entre o grupo das vítimas e o grupo das não vítimas face à sua perceção acerca do ambiente na escola. Verifica-se que 24,4% (n=11) das vítimas não se sentem contentes quando vão para a escola, contra 11,5% (n=48) das não vítimas; 24,4% (n=11) das vítimas não sabe onde se apoiar quando tem um problema, contra 4,6% (n=19) das não vítimas; 11,1% (n=5) das vítimas nega existir na escola regras para o uso das tecnologias, contra 10,8% (n=45) das não vítimas; 24,4% (n=11) das vítimas acha que as pessoas se sentem inseguras na escola, contra 10,8% (n=45) das não vítimas; 38,6% (n=17) das vítimas sente que não pode dialogar sobre todos os assuntos com os professores, contra 30,6% (n=126) das não vítimas; 24,4% (n=11) das vítimas acha que as regras de convivência na escola são pouco conhecidas, contra 21,8% (n=90) das não vítimas; 40% (n=18) das vítimas acha que na sua escola vigora a lei do mais forte, contra 19,4% (n=80) das não vítimas; 22,2% (n=10) das vítimas sente que na escola não existem medidas para prevenir a violência, contra 9,4% (n=39) das não vítimas; 26,7% (n=12) das vítimas confessa que se sentem um estranho na escola, contra 7,2% (n=30) das não vítimas; 34,1% (n=15) das vítimas acha que não existem boas relações entre todos na sua escola, contra 14% (n=56) das não vítimas.

Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados

O presente estudo teve como principal objetivo perceber a incidência do *cyberbullying* entre crianças e jovens. Como podemos observar no Quadro 3, o resultado mostra que 10,1% da amostra admitiu ter sofrido de *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, à data do preenchimento do questionário. Em termos gerais, falamos de aproximadamente 10 em cada 100 jovens. No caso do Colégio Rainha Santa Isabel, 0,7% admitiu sofrer de *cyberbullying* todos os dias, o que equivale aproximadamente a 1 em cada 100 jovens (Quadro 2). Quantitativamente e à primeira vista, este último não parece um resultado preocupante. Contudo, numa escola com cerca de 500 alunos, equivale a que 5 deles sofram de *cyberbullying* todos os dias. Sendo já do conhecimento geral as repercussões negativas que o fenómeno pode exercer no desenvolvimento pessoal das vítimas, o resultado é preocupante e acaba por corroborar a crença de que é um fenómeno cada vez mais emergente se comparado com outros estudos realizados em Portugal: Almeida *et al* (2008) concluíram no seu estudo que 6% das raparigas e 3% dos rapazes numa amostra de alunos do 7º ao 9º anos de escolaridade já tinham sido vítimas de *cyberbullying*; Campos (2009), no seu estudo “O *Cyberbullying*. Natureza e ocorrência em território português”, mostrou que 8,7% de uma amostra de 115 jovens alunos com idades entre os 10 e os 26 anos tinham sido vítimas de *cyberbullying*; Ventura (2010) obteve uma taxa de 10% de vítimas de *cyberbullying* entre 934 alunos do 3º ciclo.

Quanto aos *cyberbullies*, podemos observar no Quadro 22 que 5,1% da amostra admitiu ter praticado *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano. Fazendo novamente a comparação com outros estudos realizados anteriormente em Portugal, verificamos no estudo de Campos (2009) que 6,1% da amostra admitiu ter praticado *cyberbullying*; o estudo *Cyberbullying – o diagnóstico da situação em Portugal* revelou em 2012 que 9,6% da amostra eram *cyberbullies*; o estudo de Cruz (2011) revela que dos 205 jovens da amostra, com idades entre os 9 e os 16 anos, 12 confessaram ter praticado *cyberbullying*. Face ao que já foi dito anteriormente relativamente à questão do anonimato como principal vantagem do *cyberbullying*, no Capítulo 2, torna-se mais difícil para o *cyberbullie* admitir os atos praticados do que para a vítima admitir as agressões sofridas, pois tal como referiu Belsey (2010) o *cyberbullying* é a variante cobarde do *bullying*, o que significa que existe a possibilidade de a percentagem de agressores ser efetivamente maior.

O *Cyberbullying* e o contexto sócio demográfico

Outro dos objetivos do estudo era perceber se haveria diferenças de resultados tendo em conta o meio sócio demográfico onde se inseriam as escolas. Por um lado, o Colégio Rainha Santa Isabel, inserido em plena cidade de Coimbra, e por outro, o Instituto Vasco da Gama, inserido num meio rural, em Ansião. Partindo do princípio de que os meios urbanos acabam por ter mais facilidade e mais protensão de acesso às tecnologias de que um meio rural, o objetivo era verificar se os resultados validavam este pressuposto. O estudo Verificamos no Quadro 4 que 12,2% dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel admitiram ter sofrido de *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, contra 6,4% dos alunos do Instituto Vasco da Gama. Podíamos apenas perante estes resultados chegar à conclusão de que o fenómeno é mais comum em meios urbanos, tendo em conta a diferença percentual em cada uma das amostras. Contudo, outros fatores importantes poderão ter influenciado os resultados, senão vejamos: em termos gerais, 93,4% da amostra afirmou ter telemóvel, ou seja, 436 dos 467 alunos que preencheram o questionário. Se compararmos o resultado entre as duas escolas, verificamos que 97,6% dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel têm telemóvel, contra 86,1% dos alunos do Instituto Vasco da Gama. Quanto ao terem ligação à internet, 95,1% do total da amostra confirmou ter acesso à rede. Se observarmos os resultados em cada escola, verificamos que 99% dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel têm acesso à internet, contra 88,4% dos alunos do Instituto Vasco da Gama. Ora perante estes resultados, facilmente podemos depreender que os alunos do Colégio Rainha Santa Isabel têm mais probabilidade de sofrer ou praticar o *cyberbullying*, visto que têm mais acesso às ferramentas necessárias, o que pode explicar o porquê de haver mais incidência do fenómeno. Para além disso, a frequência com que os alunos utilizam a internet revela-se como um factor que influencia diretamente a taxa de incidência do *cyberbullying*: de um modo geral, apenas 5,2% da amostra negou ter acesso à internet. Se verificarmos os resultados em cada escola, apenas 1,4% dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel admitiram não usar a internet (o que equivale a 4 alunos em 293 que responderam à questão). Por outro lado, 11,6% dos alunos do Instituto Vasco da Gama não têm acesso à internet (o que equivale a 20 entre 172). Ora partindo do princípio que tanto para ser vítima como para ser agressor é necessário ter os condutores necessários, que se assumem como a internet ou como o telemóvel, podemos então

concluir que o facto de ter mais ou menos acesso a eles, influencia diretamente a taxa de ocorrência do *cyberbullying*.

Perante estes resultados, o esperado era que, à semelhança das vítimas, o mesmo se aplicasse aos agressores. Verificamos que 5,1% da amostra admitiu ter praticado *cyberbullying* no último ano. Fazendo novamente a comparação de resultados entre as duas escolas, confirma-se o esperado: 3,5% dos alunos do Instituto Vasco da Gama admitiram ter praticado *cyberbullying* pelo menos uma vez no último ano, contra 6,1% dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel (Quadro 23).

De vítima a *cyberbullie*

Para além dos fatores já mencionados acima, outro poderá influenciar os resultados no que diz respeito àqueles que admitiram ter praticado *cyberbullying*: a análise mostra-nos que dos 47 alunos que afirmaram terem sido vítimas do fenómeno, 11 admitiram que também o praticaram. Em termos percentuais, 45,8% (n=11) dos 24 alunos que admitiram ter praticado *cyberbullying* também foram vítimas. Para além do mais, como iremos ver mais à frente, quando questionados quanto ao que fizeram posteriormente às agressões, 19% das vítimas confessou ter feito o mesmo. Este resultado é deveras interessante pois faz-nos levar a pensar que o facto de sofrer de *cyberbullying* leva a que a prática do mesmo se estenda até às vítimas. Campos (2009, refere um estudo levado a cabo por Raskauskas e Stoltz (2007) cujo objetivo era verificar se existia relação entre o envolvimento em episódios de *bullying* e de *cyberbullying*. Segundo os resultados, aqueles que foram vítimas via internet ou telemóvel também foram *bullies*, numa tentativa de intimidar e provocar os agressores por detrás do manto do anonimato. Para corroborar este facto, basta observar os resultados à pergunta "Porque motivo(s) fizeste isso?" e constatamos que a segunda resposta mais selecionada foi a vingança. Ora se o fenómeno, no que diz respeito às vítimas, tem mais incidência no Colégio Rainha Santa Isabel, mais probabilidades existem de haver vítimas-agressores, o que também pode explicar o facto de haver mais agressores nesta escola.

O *cyberbullying* e o género

No que diz respeito ao sexo, os resultados no Quadro 5 apontam para que haja mais vítimas do sexo masculino do que do sexo feminino, sendo que 59,6% pertencem ao sexo masculino e 40,4% ao sexo feminino. Relativamente aos agressores, o cenário é semelhante: 58,3% pertencem ao sexo masculino e 41,7% pertencem ao sexo feminino (Quadro 24). Neste aspeto, não existe um consenso geral. Vários estudos apontam em diversas direções no que diz respeito ao género das vítimas e agressores. Hinduja e Patchin (2010) publicaram um estudo no seu *site Cyberbullying Research Center*, intitulado "*Cyberbullying by gender*"²⁹. Os resultados dizem que as raparigas são mais propensas a ter sofrido de *cyberbullying*, com uma taxa de 25,8% contra 16% dos rapazes. Neste estudo também mostra que o tipo de *cyberbullying* tende a ser diferente entre os géneros: as raparigas têm mais tendência a espalhar boatos enquanto que os rapazes são mais propensos a publicar imagens ou vídeos ofensivos. Por outro lado, o estudo de Campos (2009), intitulado "O *Cyberbullying*. Natureza e ocorrência em contexto português", mostra que não existe uma relação entre o sexo dos participantes e o facto de já terem sofrido ou praticado *cyberbullying*. Segundo Calmaestra, del Rey, Ortega e Mora-Merchán (2008), no seu manual "*Cybertraining*"³⁰, indicam vários estudos que apontam para que não haja diferenças entre os géneros, outros sugerem que as raparigas estão mais envolvidas e outros apresentam ainda os rapazes como os principais intervenientes. Face ao exposto, podemos afirmar que, perante a literatura e os vários estudos apresentados, não está provado que existe uma relação entre o *cyberbullying* e o género. No presente estudo, verificamos no Quadro 34 que os resultados apontam para uma maior propensão das raparigas para perseguir, ameaçar de forma repetida e espalhar boatos. Quanto aos rapazes, verifica-se que têm mais tendência a excluir as vítimas de grupos *online*.

Meios e equipamentos utilizados: perspetiva das vítimas e dos agressores

No que diz respeito ao equipamento usado, podemos observar no Quadro 6 que a maioria diz vítimas (47,6%) indica que foi através do computador. Situação corroborada pelos resultados face aos agressores, em que a maioria (43,5%) também afirma ter

²⁹ Em português, "O *cyberbullying* consoante o género". Pode ser consultado em http://www.cyberbullying.us/2010_charts/cyberbullying_gender_2010.jpg

³⁰ <http://www.cybertraining-project.org/book/printerfriendly/pt/Module%203%20-%20Portuguese.pdf>

usado o computador (Quadro 25). Mais uma vez podemos partir do pressuposto de que é usado o meio ao qual têm mais acesso, que neste caso é a internet. Neste ponto, destaquemos o estudo levado a cabo em 2010 pelo projeto *EU Kids Online*³¹, onde revela que as crianças portuguesas são as líderes europeias ao nível do acesso à Internet através de computadores portáteis. O estudo diz-nos que 65% dos inquiridos têm os seus próprios computadores portáteis, fazendo com que o nosso país apresente uma das médias mais altas na Europa em termos etários para o primeiro uso da Internet: 10 anos de idade. Os dados também revelam que 93% das crianças portuguesas acedem à Internet a partir de casa e 67% fazem-no nos seus quartos. Os resultados do presente estudo apontam para que as páginas da internet sejam o meio mais usado para as agressões: 51,2% das vítimas indicam que foi através deste meio que sofreram *cyberbullying* (Quadro 7). Quanto aos agressores, a preferência foi dada às chamadas telefónicas, aos SMS e às páginas da internet (Quadro 26). Tendo em conta que 99% dos alunos do Colégio Rainha Santa Isabel têm acesso à internet, facilmente nos apercebemos que é através deste meio que os *cyberbullies* desta escola mais atuam: 20 das 36 vítimas do Colégio Rainha Santa Isabel selecionaram a opção "Páginas da internet", enquanto que apenas 2 em 11 vítimas do instituto Vasco da Gama a selecionaram. Quanto aos resultados dos *cyberbullies*, verifica-se que as páginas da internet não foram selecionadas por nenhum dos alunos do Instituto Vasco da Gama, enquanto que 7 alunos pertencentes ao Colégio Rainha Santa Isabel a selecionaram, fazendo este o meio preferido pelos agressores desta escola.

O *cyberbullying* e a questão do anonimato

Uma das principais características do *cyberbullying* é a possibilidade de agredir outra pessoa no anonimato. Perante os resultados do estudo, verificamos no Quadro 8 que a grande maioria das vítimas desconhece o autor, o que equivale 29,5% das vítimas. Este é um tema fulcral quando se fala das diferenças entre o *bullying* e o *cyberbullying*. O chamado "fenómeno sem rosto" revela-se consistente nos resultados. Este fenómeno é explicado por Willard (2007) que refere que o agressor não sentirá pena ou empatia pela vítima pois não existe um contacto visual ou oral com a mesma, situação que se torna diferente quando o contacto é presencial ou quando estamos frente a frente com a pessoa, no sentido em que há uma moderação no comportamento consoante a reação do

³¹ Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/> (Acedido a 30/05/2013)

interlocutor. Através das tecnologias da informação e comunicação, essas reações não são presentes ao agressor, o que leva a que o mesmo não se contenha no seu comportamento. Suler (2004) chamou de "*the online disinhibition effect*"³² o efeito que o anonimato provoca nos cibernautas. Esta desinibição pode ser benigna quando são partilhados aspectos pessoais da vida privada ou tóxica quando a linguagem se torna agressiva e ofensiva direcionada a alguém.

Os resultados indicam também um aspeto perturbador: duas das vítimas indicaram que o agressor seria um adulto ou grupos de adultos. Pesquisando as respostas dadas na última questão do questionário, onde os participantes eram convidados a dar uma sugestão ou a contar uma história acerca do tema, deparo-me com uma resposta no mínimo preocupante. A história é o relato pessoal de um dos participantes e que passo a citar: "*Eu e a minha melhor amiga criámos um facebook de nós as duas e um homem (acho eu) pediu amizade tantas vezes que nós, como não tínhamos lá nada de especial, aceitámos. Esse homem convidou-nos para sair pediu-nos os números de tlm e ameaçou-nos que sabia onde vivíamos. Não respondemos, roubou-nos a pass do facebook, tirei a amizade daquele facebook e ele nunca mais me chateou (nem à minha amiga) no nosso verdadeiro facebook*" (Testemunho do sujeito nr. 382). Perante esta história, torna-se imprescindível que exista cada vez mais a prevenção face aos perigos que a internet representa, assim como uma maior vigia por parte dos professores e encarregados de educação face às atividades *online* exercidas pelos jovens. A facilidade em criar um perfil *online* falso é enorme. Para além disto, parece não haver ainda consciência por parte dos jovens que existem pessoas cuja única intenção é prejudicar, perseguir e assediar, como prova o estudo da EU KIDS *ONLINE*, que mostra que em Portugal 59% dos inquiridos dos 9 aos 16 anos têm um perfil criado numa rede social. Desses, 25% têm o perfil público e 7% têm a informação da morada ou do número de telefone. Perante estes resultados, verificamos que os próprios jovens criam condições mais propensas a futuros ataques *online*. Todos com certeza nos deparámos com o caso mediático de Amanda Todd, uma adolescente que cometeu suicídio após publicar um vídeo no You Tube em que conta a sua história mostrando uma série de cartões. Ela descreve que quando estava a frequentar o 7º ano, um estranho que ela conheceu através de um *chat online* a convenceu a mostrar-lhe os seios. Mais

³² O efeito de desinibição *online* (em português) é um abrandamento (ou completo abandono) de restrições sociais e inibições que poderiam estar presentes em condições normais de interação presencial durante as interações com outras pessoas na Internet. (Suler, 2004).

tarde, começou a chantageá-la ameaçando expor as fotos, o que acabou por acontecer, fazendo com que ela tivesse de mudar de escola duas vezes, pois o indivíduo acabava sempre por descobri-la. Quando a família se mudou pela terceira vez numa tentativa de fugir à perseguição, a Amanda já não conseguia superar todos os acontecimentos anteriores. Esta é apenas uma das muitas e demasiadas histórias de relatos pessoais que facilmente encontramos numa simples pesquisa na internet. Perante este tipo de situações, e considerando o facto de que muitas crianças e jovens não têm a noção dos perigos que a internet representa, eu mesma criei um perfil falso no *Facebook*, apenas com uma foto de um pastor alemão e com um nome falso, sendo ele "Afonso Esteves". Em apenas alguns dias, recebi vários pedidos de amizade. Até aqui nada de estranho, não fossem esses pedidos de amizade enviados por crianças e jovens. Ao todo, e em apenas algumas semanas, recebi 15 pedidos de amizade de crianças que acredito, pela aparência física, estarem entre os 10 e os 15 anos. Perante isto, não deixamos de pensar: quantos "Afonso Esteves" andarão pela internet com propósitos obscuros? O que leva uma criança a pedir amizade a um estranho, abrindo desta forma a porta a informações pessoais? Para os jovens, a internet é como uma porta para poderem explorar o mundo adulto sem supervisão e encontrar um local onde possa estar com outros jovens sem se sentir constantemente vigiado por adultos. É por isso que cada vez mais é preciso sensibilizar os jovens quanto a este tipo de situações suscetíveis de acontecer se não tiverem o cuidado necessário ao navegar *online*.

Para além de já termos visto que a maioria das vítimas desconhecia o autor das agressões, os resultados também nos dizem que a maioria não tinha qualquer relação pessoal com a vítima, ou seja, 61,3% das vítimas (Quadro 10). No que diz respeito aos resultados dos *cyberbullies*, e ao contrário das vítimas, 52,2% admitiram que mantinham uma relação pessoal com a vítima (Quadro 30). Podemos depreender mais uma vez que a questão do anonimato leva a que as vítimas, ao desconhecem o autor das agressões, criam que não será alguém com quem mantenham uma relação pessoal. Belsey (2010) caracterizou o *cyberbullying* como a variante covarde do *bullying*, pela possibilidade de refúgio em perfis falsos ou pseudónimos, o que leva a um sentimento de invisibilidade que leva a atitudes e comportamentos que não teriam se tivessem frente a frente com a vítima, situação que poderia gerar alguma intimidação. Partindo deste ponto de vista e considerando os resultados, a dita "coragem" dos agressores parece aumentar se se esconderem no anonimato.

Tipos de *cyberbullying* sofridos e praticados

Partindo agora para os diferentes tipos de *cyberbullying* denunciados pelas vítimas (Quadro 14), podemos inseri-los e associá-los às tipologias de *cyberbullying* criadas por Willard (2007). A maioria das vítimas (55,3%) afirma ter sido através de mensagens com ofensas, insultos e calúnias, estando associado às tipologias "*flaming*" (manifestar ódio) e "*harassment*" (assédio). A segunda opção mais selecionada foi o envio de mensagens a "gozar", selecionada por 46,8% das vítimas, que pode ser incluída na tipologia "*harassment*" de Willard (2007). Com 38,3% de respostas selecionadas, temos o ato de espalhar boatos e a tomada da identidade da vítima, categorias que se inserem nas tipologias "*denigration*" (denegrição) e "*impersonation*" (dissimulação). Relativamente a esta situação, temos os relatos dois participantes que descreveram o seguinte: "*Este ano uma colega nossa saiu da escola pois sofreu de bullying através do Facebook. Cinco colegas criaram um perfil falso e punham lá coisas pouco dignas. Essa rapariga acabou por pensar que toda a gente do colégio a odiava*" (Testemunho do sujeito nr. 247) e "*No ask, um site de perguntas e respostas, na conta de uma amiga, alguém se fez passar por mim, assinando com o meu nome, insultando outra pessoa*" (Testemunho do sujeito nr. 344). Verificamos que 34% das vítimas foi ameaçada e perseguida de forma repetida, que se insere na tipologia "*harassment*". Neste aspeto, temos o relato de um dos participantes que revela o seguinte: "*Tenho uma amiga que é vítima de cyberbullying pois recebe sms de um rapaz que ameaça contar os segredos dela se ela não fizer o que ele quer. Já a tentámos ajudar mas ela recusa*" (Testemunho do sujeito nr. 291). O ato de revelar segredos ou informações sobre a vida privada foi selecionada por 29,8% das vítimas, que segundo a autora, insere-se nas tipologias "*outing*" (revelar) e "*trichery*" (enganar). Observamos que 21,3% das vítimas foram prejudicadas através da utilização, alteração e divulgação de fotos suas, que se insere na tipologia "*outing*". Os resultados revelam que 19,1% das vítimas foram excluídas de um grupo *online*, que se caracteriza segundo a autora como "*exclusion*" (exclusão). O ato de tirarem fotos sem autorização para prejudicar foi denunciado por 17% das vítimas e 14,9% indicou ter sido prejudicado com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual, estando ambos inseridos na tipologia "*outing*". Verifica-se que 6,4% das vítimas viram vídeos seus feitos e divulgados pelos agressores. Este último tipo de *cyberbullying*, o de divulgar vídeos *online*, pode ser inserido na tipologia "*happy slapping*", que foi

acrescentado mais tarde por Kowalski, Limber & Agatston (2008). Relativamente a esta questão, encontramos o relato de um dos participantes que passo a citar: "*O ano passado tive uma amiga minha vítima de cyberbullying através da internet. Uma outra rapariga meteu um vídeo em nome dela nada agradável*" (Testemunho do sujeito nr. 117). Perante isto, não poderia de deixar de lembrar que em Portugal tivemos dois casos bastante mediáticos: o caso de uma aluna da Escola Secundária Carolina Michaelis, no Porto, em Março de 2008, que foi filmada por um colega enquanto tentava desesperadamente tirar o seu telemóvel das mãos da professora. O vídeo foi divulgado no popular *YouTube* fazendo com que tomasse proporções gigantescas. Em Maio de 2012 o país ficou chocado após a divulgação de um vídeo que mostrava uma adolescente de 13 anos a ser violentamente agredida por outras duas adolescentes. O vídeo foi divulgado no *YouTube* pelo próprio adolescente que filmou, aparentemente amigo das agressoras. Estes dois casos reacenderam a problemática do *bullying* em Portugal, agora complementado com o uso de tecnologias.

Partindo agora para o tipo de *cyberbullying* usado pelos agressores (Quadro 34), a preferência é dada ao envio de mensagens a gozar, selecionada por 37,5% dos *cyberbullies*. Verifica-se que 33,3% enviou mensagens com ofensas, insultos e calúnias, enquanto que 20,8% perseguiu, ameaçou de forma repetida, espalhou boatos, revelou segredos ou informação sobre a vida privada e excluiu as vítimas de um grupo *online*. Observa-se que 8,3% admitiu terem-se feito passar pelas vítimas e 4,2% utilizou, alterou e divulgou fotos e vídeos das vítimas sem autorização.

Voltando aos resultados do estudo, deparamo-nos com a mesma problemática do *cyberbullying* perpetuado com *bullying*, ou vice-versa. Quando convidados a descrever outro tipo de situação pela qual tivessem passado, as vítimas descreveram situações como "*bateram-me até fazer nódoas negras*" e "*chamaram-me nomes de forma agressiva*". O relato de um dos participantes também chama a atenção para este problema: "*Fui vítima de cyberbullying, ofendi pessoas no Facebook e elas ofenderam-me também, no outro dia agrediram-me e fui parar ao hospital, os médicos disseram que quase tive um traumatismo craniano, a minha mãe apareceu e só chorava a perguntar porque não lhe tinha contado, foi à escola e leu as mensagens horrorizada, depois disso mudou-me de escola e tive que começar uma vida nova*" (Testemunho do sujeito nr. 156). Deparei-me ainda com o seguinte relato: "*Um amigo meu que não é da minha escola é insultado como eu pelo mesmo grupo de rapazes e eles publicaram no facebook um vídeo para o humilhar e a mim alteraram a minha imagem e do meu*

amigo" (Testemunho do sujeito nr. 407). Esta problemática é referida por Pinheiro (2009) na categorização que fez do *cyberbullying* em três níveis. Sendo o Nível I referente a atos realizados somente através da internet, a autora destina o Nível II ao *cyberbullying* como uma extensão do *bullying*, com os agressores a recorrerem também às novas tecnologias para continuar a ameaçar e a assustar as vítimas. O Nível III destina-se ao *bullying* e outras formas de agressão para concretizar o *cyberbullying*, que se pode traduzir pela divulgação *online* dos vídeos ou das fotografias das agressões.

Sentimentos gerados pelo *cyberbullying*: a perspetiva das vítimas versus agressores

Quanto aos sentimentos experienciados aquando as agressões e segundo os dados do Quadro 15, verificamos que 38,1% das vítimas diz ter sentido raiva e 35,7% sentiu vontade de vingança. Perante estes resultados, não será de estranhar que eles mesmos tenham também recorrido ao *cyberbullying* como forma de vingança ou para, como se costuma dizer, "pagar na mesma moeda". Verifica-se que 31% das vítimas diz ter-se sentido triste, 28,6% sentiu-se humilhada, 23,8% sentiu medo e 21,4% sentiu desespero. A tristeza, o medo, a humilhação e o desespero são sentimentos que, a longo prazo, podem provocar nas vítimas depressão. Hinduja e Patchin (2008), indicam que as vítimas são bastante afetadas e as repercussões negativas estendem-se à auto estima, ao estado emocional, ao desenvolvimento e funcionamento cognitivo e ao bem estar. Verificamos que 14,3% das vítimas diz ter-se sentido insegura, sozinha e indefesa. A adolescência é um período de extrema necessidade de aprovação por parte dos pares. O facto das vítimas nesta fase de construção se sentirem sozinhas, inseguras e indefesas pode levar a que sofram consequências traumáticas no desenvolvimento psicossocial. Numa fase em que decorre a construção e a descoberta da própria identidade perante o mundo, este tipo de sentimentos pode gerar uma perceção consideravelmente mais dramática da própria existência. Observa-se também que 11,9% das vítimas descreveu que se sentiu indiferente, contudo, a mesma percentagem de vítimas sentiu vontade de fugir. Verifica-se que 9,5% das vítimas sentiu-se confusa e perdida e 7,1% sentiu-se sem vontade de ver ninguém e aterrorizada. Quanto a este último sentimento, temos um relato de um dos participantes que mostra até que ponto pode chegar: "*Conheço um rapaz que há pouco tempo foi ameaçado por outro rapaz por telemóvel, ele estava muito assustado e entrou em hiperventilação, mais tarde ele parou de ameaçar o meu amigo e graças a Deus não aconteceu nada de mal, mas foi um grande susto*"

(Testemunho do sujeito nr. 437). Por fim, 4,8% das vítimas sentiram-se culpadas e 2,4% injustiçadas. Não deixa de ser curioso a vítima sentir-se culpada pelas agressões. Considerando que o *cyberbullying* afeta especialmente a autoestima, não podemos descartar a hipótese de que a vítima pode ser levada a acreditar que é aquilo que o agressor diz, e, desta forma, levar a um sentimento de culpa alimentado pela insegurança e pela baixa autoestima.

Quanto à percepção dos *cyberbullies* face ao que acharam que as vítimas sentiram, segundo os dados do Quadro 35, as opções mais selecionadas foram a vontade de vingança, com 47,8%, raiva e indiferença, ambas com 39,1%. O dado curioso é que, de facto, as vítimas também sentiram na sua maioria vontade de se vingarem e raiva. Contudo, apenas 11,9% se sentiram indiferentes. Parece-me aqui que existe uma percepção debilitada dos agressores face aos sentimentos das vítimas, no sentido em que não é perceptível que tenham noção dos efeitos negativos que os seus atos podem exercer. De facto, 39,1% dos *cyberbullies* acreditam que as vítimas ficaram indiferentes às agressões. No entanto, as vítimas dizem terem-se sentido sobretudo tristes, com medo e humilhadas, tendo sido as opções mais selecionadas a seguir a raiva e vontade de vingança. Esta situação é referida por Amado et al (2009), citando Oliveira (2008), que defendem que o *cyberbullying* cria a possibilidade de os agentes agressores nem sequer virem a tomar consciência das consequências dos seus atos sobre as vítimas, fazendo jus à expressão que traduz o *cyberbullying* como um fenómeno sem rosto. Outro dado curioso é que 21,7% dos *cyberbullies* acreditam que a vítima sentiu culpa. Podemos atribuir vários motivos que levem a que o agressor pense que a vítima sinta culpa: por um lado pode ser derivado de uma situação de vingança (pelo facto de a vítima eventualmente também já o ter agredido de alguma forma) ou talvez pelo facto de os *cyberbullies* acreditarem efetivamente que a vítima "merece" ser alvo de agressões. Para além do mais, analisando as respostas dadas pelos *cyberbullies* quanto ao que sentiram, constatamos que 31,8% sentiu-se indiferente, 27,3% sentiu-se mais forte e satisfeito e 22,7% sentiu-se aliviado, ou seja, as opções mais selecionadas foram aquelas que traduzem um sentimento positivo nos agressores. Neste aspeto, Bonds (2000) realça a existência não apenas de desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, como também de níveis de afeto desiguais, sendo que as vítimas manifestam tipicamente níveis elevados de stress emocional, enquanto que os agressores demonstram pouca emoção face ao *bullying*, culpando frequentemente a vítima pelo seu próprio comportamento agressivo.

Os motivos por detrás do *cyberbullying*: perspetiva das vítimas versus agressores

Passando agora aos resultados obtidos pelas vítimas quando questionadas do motivo pelo qual foram alvo de *cyberbullying*, no Quadro 16, a maioria (31%) acredita que foi para se divertirem. Verifica-se que 28,5% das vítimas acredita que foi por não gostarem delas, 23,8% acreditam que foi para os agressores se sentirem superiores, 21,4% acha que foi por inveja, 16,7% acreditam que foi por não terem nada para fazer, por brincadeira e por imaturidade, 14,3% acha que foi por ciúmes, 11,9% por quebra de amizades, 9,5% acreditam que foi por vingança e 4,8% acham que foram vítimas porque já tinham agredido física ou verbalmente o *cyberbullie*. Neste ponto, torna-se importante realçar que 21,4% das vítimas não sabem porque é que foram alvo de *cyberbullying*. Este facto pode ser explicado segundo a perspetiva de Hinduja e Patchin (2009) que referem que o *cyberbullying* tem uma natureza viral da propagação da informação nas redes digitais, quer seja ela positiva ou negativa. Um boato ou uma imagem podem circular pela Internet e, de um momento para o outro, resultar em aumentos exponenciais da sua divulgação, com processos similares à extensão de uma epidemia que atinge conhecidos e desconhecidos. Isto pode levar a que outras pessoas usem esse boato inicial para darem continuidade às agressões.

Relativamente aos motivos descritos pelos *cyberbullies* no Quadro 36, a maioria (39,1%) indica que foi por brincadeira e para se divertirem (21,7%). Outros 13% admite tê-lo feito por não gostar da pessoa em questão. Estes resultados coincidem de certa forma com a perceção das vítimas. Contudo, convém realçar que 28,5% das vítimas acredita que as agressões ocorreram por não gostarem delas e apenas 13% dos agressores admitiu ter sido por esta razão. Mais uma vez estamos perante um caso em que se pode supor que as agressões despoletam na vítima baixa autoestima, enquanto que, do lado dos agressores, se sente uma certa insensibilidade face a vítima, ao admitirem na sua maioria que foi por brincadeira e para se divertirem.

O *cyberbullying* e o código do silêncio

No que diz respeito ao que as vítimas fizeram posteriormente às agressões, segundo os dados do Quadro 17, verificamos que 26,2% dos inquiridos contaram aos

pais, apagaram as mensagens, fotos, vídeos, etc, e confessaram ter chorado; 23,8% indica que contaram aos amigos e passaram a ter mais cuidado; 21,4% bloquearam ou excluíram o contacto e falaram com as pessoas e pediram que parassem; 19% das vítimas confessaram que fizeram o mesmo; 16,7% alteraram os dados; 9,5% deixaram de usar o telemóvel ou a internet e contaram aos professores; e 2,4% contactaram os fornecedores dos serviços. Neste ponto, foquemo-nos primeiro na percentagem de alunos que admitiram não ter feito nada perante as agressões: 21,4%. De facto, uma das maiores dificuldades verificadas em situações de *bullying* em geral e de *cyberbullying* em particular é o silêncio que envolve este tipo de violência. Uma das maiores barreiras no combate ao *cyberbullying* é a aparente incapacidade das vítimas de denunciar as agressões aos adultos ou às autoridades competentes. Campbell (2007) diz-nos que a vergonha, a humilhação e o facto de as vítimas acreditarem que os adultos não as vão conseguir ajudar, ou não vão dar importância, são fatores que alimentam o código do silêncio. Apenas 26,2% dos inquiridos afirma ter contado aos pais, que apesar de ser a maioria, traduz-se como uma certa relutância em denunciar o caso a terceiros. Uma das respostas dadas por um dos participantes traduz fortemente o que o código do silêncio pode representar: "*Guardai para mim até explodir*". Por outro lado, no que diz respeito aos *cyberbullies*, quando questionados acerca do que tinha acontecido após as agressões, e considerando algumas das respostas mais relevantes do Quadro 38, verificamos que 6 deles indicam que não aconteceu nada, 4 foram falar com a vítima e 4 indicam que houve trocas de ameaças, agressões e ofensas. Contudo, em nenhuma das respostas dadas pelos *cyberbullies* é indicada qualquer intervenção dos pais ou professores. Outro dado deveras interessante e que se deve considerar é a percentagem de alunos que contaram aos professores: apenas 9,5%, ou apenas 4 em 45 vítimas, o que nos leva a pensar: sendo os professores os agentes com mais presença no contexto e espaço onde acontecem estas situações, o que leva as vítimas a não falarem com os mesmos? Ana Tomás de Almeida declarou à agência Lusa que "há uma certa condescendência" por parte de jovens, pais, professores e escolas, relativamente a incidentes de *cyberbullying*, que acabam por "tomar proporções mais sérias". Ana Tomás de Almeida é investigadora da Universidade do Minho e uma dos 13 investigadores que participaram num estudo internacional que propõe uma série de recomendações para a prevenção do *cyberbullying*.³³ Sousa (2011) refere um estudo

33

(<https://sites.google.com/site/apebfernandofornigalmorais/noticias/comunidadeviadarmaisimportanciaaocyberbullying>)

levado a cabo por Li (2008) que concluiu que 45% dos 154 professores estagiários inquiridos assumia uma posição neutra em relação ao *cyberbullying*. Quando questionados acerca da confiança para lidar com este tipo de situação, 53,3% dos professores admitiram não se sentirem preparados para identificar o problema e 60,1% confessaram não se sentirem aptos para gerir situações de conflito. 81,8% afirmaram que seu percurso académico não lhes dera oportunidade de serem devidamente preparados para lidar com o *cyberbullying*. Este é apenas um exemplo que nos leva inevitavelmente a pensar na importância em inserir nos programas educacionais de formação de professores ferramentas e "bagagem" que permitam uma maior facilidade por parte destes em lidar com situações de *bullying* ou *cyberbullying*. É imprescindível que os professores estejam aptos a identificar situações de violência e transpor o código do silêncio que se instala nas vítimas, de forma a que, a longo prazo, a confiança em contar aos professores seja maior. Numa era em que somos dominados cada vez mais pelas tecnologias da informação e da comunicação, deixa de fazer sentido não incluir na formação de professores esta problemática. Olweus (1993) vai mais longe ao afirmar que muitas das situações de *bullying* podiam ser evitadas se os professores e auxiliares estivessem mais atentos.

O *cyberbullying* e a idade

Segundo Calmaestra, Ortega e Mora-Merchán (2008), os níveis de prevalência parecem permanecer estáveis durante a adolescência antes de diminuírem a partir dos 16 anos em diante. Campos (2009) refere Beale e Hall (2007) que acreditam que é no 3º ciclo do ensino básico que o *cyberbullying* atinge o seu auge e começa a diminuir aquando a entrada no ensino secundário. Pinto (2011) refere no seu estudo os autores Estévez et al. (2010) e Williams & Guerra (2010), que defendem que o *cyberbullying* tem um impacto mais drástico a partir do 5º ano de escolaridade, atingindo o auge no 8º ano e descendo progressivamente a partir daí. Os dados obtidos indicam uma maior prevalência do *cyberbullying* no 5º, 7º e 8º anos de escolaridade, o que coincide aproximadamente com a perspectiva dos autores acima. Verifica-se que, no que diz respeito às vítimas, a maior incidência é no 5º e 7º anos de escolaridade (Quadro 19) e no que diz respeito aos *cyberbullies* verifica-se mais incidência no 8º ano (Quadro 39). Esta perspectiva é corroborada por Beale & Hall (2007, citado por Campos, 2009), ao

afirmarem que no 2º e 3º ciclos do ensino básico, os alunos mais novos apresentam-se frequentemente como vítimas, enquanto os alunos mais velhos se apresentam como agressores. Contudo, no que diz respeito à idade das vítimas, a importância deste fator não está ainda clara.

A denúncia do *cyberbullying* segundo a perspectiva dos participantes

Passando agora à análise da Parte IV do questionário, os participantes foram questionados quanto a quem devem pedir ajuda perante situações de *cyberbullying*. Como podemos observar no Quadro 40, a grande maioria (91,3%) indica que se deve pedir ajuda aos pais. Ao que parece, confrontados com as opções, a maioria tem consciência de que é necessário em situações destas contar aos pais. Contudo, voltando atrás na análise, apenas 26,2% das vítimas admitiu ter falado com os encarregados de educação. Situação mais flagrante no que diz respeito aos professores: 49,1% dos participantes acham que se deve contar aos professores e no entanto apenas 4 das 47 vítimas o fizeram. Estamos perante uma situação em que é visível a consciencialização dos participantes face ao que "devem" fazer enquanto vítimas, mas que não coincide com o que realmente "fizeram".

As vítimas e a relação com os membros da família

No que diz respeito à perspectiva dos participantes face às relações entre as pessoas do agregado familiar, regra geral, os resultados dos Quadros 41, 42 e 43 não apontam dados fora daquilo que era esperado. Contudo, nesta fase, torna-se importante fazer o cruzamento de informação entre aqueles que não sofreram e não sofreram de *cyberbullying* com as diversas afirmações que os participantes tinham à disposição. Os resultados apresentados no Quadro 44 são preocupantes em algumas das afirmações. Senão vejamos:

- 35,6% das vítimas de *cyberbullying* indicam que os pais ou encarregados de educação não procuram saber o que fazem com as tecnologias, contra apenas 14,6% das não-vítimas;
- 33,3% das vítimas acha que a sua família não dialoga abertamente uns com os outros, contra apenas 11,5% das não-vítimas;

- 20% das vítimas indica que os membros da sua família raramente conversam, contra apenas 4,6% das não-vítimas;
- 35,6% das vítimas acredita que cada um resolve os problemas por si mesmo, contra apenas 9,1% das não-vítimas;
- 37,8% das vítimas admite ser pouco habitual que a sua família partilhe os problemas uns com os outros, contra 16,4% das não-vítimas;
- 36,4% das vítimas confessa que quando têm um problema os pais ou encarregados de educação não o resolvem, contra 23% das não-vítimas.

Perante este cenário, camuflado pelos resultados em geral, deparamo-nos com uma visão mais negativa por parte das vítimas relativamente às relações com a família. O facto de serem alvo de violência por parte dos pais pode gerar na criança o sentimento de que contar aos pais não vai resolver nada. Com o tempo, a perceção pode-se tornar mais grave, distanciando a criança e levando-a a acreditar que existe uma comunicação deficiente entre os membros da sua família e levando-a a crer que os problemas têm de ser resolvidos por ela mesma.

As vítimas e a perceção sobre o ambiente na escola

No que diz respeito à visão que os participantes perante o ambiente na sua escola, os resultados apresentados nos Quadros 45, 46 e 47, não apresentam grandes desvios consideráveis relativamente ao que era esperado, de uma perspectiva geral. Por isso, apliquei neste ponto a mesma análise feita anteriormente, comparando a perspectiva das vítimas com as não-vítimas. Os resultados no Quadro 48 mostram que:

- 24,4% das vítimas não se sentem contentes quando vão para a escola, contra 11,5% das não vítimas;
- 24,4% das vítimas não sabem em quem se apoiar quando têm um problema, contra apenas 4,6% das não vítimas;
- 24,4% das vítimas acredita que as pessoas não se sentem seguras na escola, contra 10,8% das não vítimas;
- 40% das vítimas acredita que na sua escola vigora a lei do mais forte, contra 19,4% das não-vítimas;

- 22,2% das vítimas indica que na sua escola não existem medidas para prevenir a violência, contra 9,4% das não-vítimas;
- 26,7% das vítimas confessam sentirem-se um estranho na sua escola, contra 7,2% das não vítimas;
- 34,1% das vítimas afirma que não existem boas relações entre todos na escola, contra 14% das não-vítimas.

Esta análise filtra realmente as preocupações e angústias daqueles que sofrem ou já sofreram *cyberbullying*. Um dado curioso é que a diferença percentual entre as vítimas e as não-vítimas é menor perante a afirmação "Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores", em que 38,6% das vítimas discordaram contra 30,6% das não vítimas. Este resultado reacende a questão já aqui discutida anteriormente da percepção dos alunos face aos professores, cujos resultados agora transmitem mais uma vez uma certa relutância em ver os professores como possíveis bloqueadores de conflitos.

Considerações finais

A escolha do tema deste estudo partiu de uma necessidade de verificar até que ponto o *cyberbullying* atinge os jovens no nosso país. É uma realidade e uma forma de agressão a que não podemos ficar indiferentes. É preciso promover a consciência. É preciso alertar os pais e os professores para este fenómeno. É preciso sensibilizar os jovens e adolescentes dos perigos que podem representar as tecnologias da informação e comunicação. É preciso consciencializar todas as pessoas para as repercussões nefastas provocadas pelo *cyberbullying* nas vítimas. É preciso tomar consciência que por vezes pode não ser uma simples brincadeira entre crianças ou jovens: pode ser muito mais que isso.

Um dos aspetos relevantes e surpreendentes do estudo foi os resultados obtidos pelas percepções que as vítimas têm perante as relações na família e o ambiente na escola. Observando os dados de um modo geral, os resultados não se desviavam daquilo a que pode ser considerado socialmente aceitável. Contudo, foi ao fazer o filtro das respostas dadas pelas vítimas que me deparei com o que o *cyberbullying* pode fazer às próprias perspetivas dos jovens perante o ambiente que os rodeia.

Outro aspecto que realço no estudo foi o resultado entre aquilo que as vítimas sentiram perante as agressões e a perspectiva dos *cyberbullies* quanto aos sentimentos que provocaram nos destinatários das suas agressões. A maioria dos *cyberbullies* acha que as vítimas sentiram indiferença, para além de raiva e vontade de vingança. As vítimas confirmam os sentimentos de raiva e vontade de vingança, mas também tristeza, humilhação, medo e desespero. Muito diferentes são as sensações descritas pelos *cyberbullies* aquando a prática das agressões: indiferença, força, satisfação e alívio.

Outro dado relevante no estudo foi a quantidade de vítimas que denunciaram a situação aos professores: apenas 4 das 47 vítimas. Este é, sem dúvida, um resultado preocupante e revela a relutância das vítimas em falar com os professores. Muito se tem falado da necessidade de incluir na formação de professores competências para lidar com este tipo de situação, como tem sido defendido por vários autores. Este resultado apenas vem corroborar essa necessidade. É necessário compreender o porquê desta relutância por parte das vítimas. Não posso deixar de me lembrar da frase dita por John Halligan, pai do Ryan Halligan, um jovem que cometeu suicídio após anos de *cyberbullying*: "*If we only knew, if he only told us*" (Se apenas soubéssemos, se ele apenas nos tivesse contado). São as palavras sofridas do pai do Ryan no blog que escreveu em memória do filho. Foi esta história e esta frase em particular que me levaram a escolher este tema.

A prevenção tem de ir muito mais além. Tem de começar pelas próprias crianças, pelos pais e por toda a comunidade envolvida. É preciso promover a consciência. É preciso alertar os pais para este fenómeno. É verdade que as crianças conseguem ser cruéis. Mas também penso que elas próprias não sabem, por vezes, a dimensão das consequências que podem resultar dessa mesma crueldade. Por vezes, é apenas uma forma de se afirmarem. Por vezes, pode ser o espelho das suas próprias frustrações.

Bibliografia

Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D. & Marinho, S. (2008). *Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portuguesas*. In R. Astor, E. Debarbieux & C. Neto (Ed), Abstracts of 4th World Conference – Violence in school and public policies (p. 134). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Amado, J., Matos, A. & Pessoa, T., (2009). *Cyberbullying: um novo campo de investigação e de formação*. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga, Universidade do Minho. (Acedido a 15 de Maio de 2013)

Disponível em:

<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/pdfs/t1/t1c11.pdf>

Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). *Cyberbullying: Um desafio à investigação e à formação*. Interações, 13, 301-326. (Acedido a 30 de Maio de 2013)

Disponível em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/360/1/M16.pdf>

American Osteopathic Association (AOA) - *Parents Fearful of Cyberbullying* (2011). (Acedido a 10 de Maio de 2013) Disponível em:

<http://www.osteopathic.org/inside-aoa/news-and-publications/media-center/2011-news-releases/Pages/7-11-11-survey-parents-fearful-of-cyberbullying.aspx>

Andrade, M. (2002). *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*. São Paulo: Atlas.

Autoridade Nacional de Comunicações (ANACOM) - *A Internet em Portugal* (2009).

(Acedido a 22 de Junho de 2013) Disponível em:

http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=rel_internet_portugal_2009.pdf

Belsey, B., (2004). *What is cyberbullying?*. (Acedido a 16 de Maio de 2013) Disponível em: http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Information.pdf

Belsey, B. (2006). *Cyberbullying: An emerging threat to the 'always on' generation*. (Acedido a 5 de Junho de 2013)

Disponível em:

http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf

Belsey, B., (2010). *Cyberbullying: An Emerging Threat to the —Always Onl Generation*. (Acedido a 2 de Junho de 2013) Disponível em:

http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf

Bonds, M. (2000). *Bully-proofing your middle school*. (Acedido a 29 de Abril de 2013)

Disponível em: <http://www.naesp.org/comm/mmspg00.htm>

Calmaestra, J., del Rey, R., Ortega, . & Mora-Merchán (2008). *Cybertraining: Taking action against cyber bullying*. Universidades de Córdoba e Sevilha: Espanha.

Campos, M. (2009). *O cyberbullying. Natureza e ocorrência em contexto português*. (Dissertação de mestrado em psicologia social e das organizações). ISCTE: Lisboa.

Disponível em:

<http://repositorioiul.iscte.pt/bitstream/10071/1884/1/O%20Cyberbullying%20em%20Contexto%20Portugu%C3%AAs%20-%20Mariana%20Campos.pdf>

Check Point Software Technologies Ltd - *The Generation Gap in Computer Security* (2012). (Acedido a 21 de Junho de 2013)

Disponível em:

http://www.zonealarm.com/products/downloads/whitepapers/generation_gap_research_2012.pdf

Cruz, A. (2011). *O cyberbullying no contexto português*. (Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, variante Estudos dos Media e de Jornalismo).

Universidade Nova de Lisboa: Lisboa.

Cyberbullying Research Center - *Cyberbullying by gender*. (Acedido a 20 de junho de 2013). Disponível em: <http://www.cyberbullying.us/research.php>

Educare.pt - *Cyberbullying: fenómeno sem rosto* (2008). (Acedido a 22 de Junho de 2006) Disponível em:
<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=45F563C7EFA931C9E04400144F16FAAE&channelid=45F563C7EFA931C9E04400144F16FAAE&schemaid=&opsel=2>

Erikson, E. (1968). *Identy Youth and crisis*. New York: Norton & Company.

EU Kids Online - Relatório da investigação de 2010 (Acedido a 30/05/2013) Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>

Internet Segura. (Acedido a 22 de Junho de 2013). Disponível em: <http://www.internetsegura.pt/>

Instituto Nacional de Estatística (INE) - *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Famílias* (2012). (Acedido a 22 de Junho de 2013) Disponível em:
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=133548146&DESTAQUESmodo=2

Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Hinduja, S. & Patchin J.W (2009). *Bullying Beyond the Schoolyard: Preventing and Responding to Cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Hinduja, S. & Patchin J.W (2006). *Bullies move beyond the schoolyard. A Preliminary Look at Cyberbullying*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Jäger, T., Stelter, C., Amado, J., Matos, A. & Pessoa, T. (2012). *Cyberbullying - Um manual de formação de pais*. Landau: Verlag Empirische Pädagogik. (Acedido a 1 de Maio de 2013) Disponível em: <http://ct4p.zepf.eu/manual-pt.pdf>

Knowthenet.org.uk - *Trolling study results* (2013). (Acedido a 18 de Junho de 2013)
Disponível em: <http://www.knowthenet.org.uk/knowledge-centre/trolling/trolling-study-results>

Marconi, M.& Lakatos, E.(1999). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Matos, A & Vieira, C. (2013). *Cyberbullying: prevalência e características em Portugal*.
Comunicação oral ao seminário *Cyberbullying: análise da situação em Portugal*. FPCE:
Universidade de Coimbra (10 de Abril, 2013).

MiudosSegurosNa.Net. (Acedido a 22 de junho de 2013). Disponível em:
<http://www.miudossegurosna.net/>

Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford: Blackwell.

Olweus, D. (2001). *Bullying at school: tackling the problem*. Observer, 225.

Pinheiro, L. (2009). *Cyberbullying em Portugal: uma perspetiva sociológica*.
(Dissertação de mestrado em Sociologia: desenvolvimento e políticas sociais).
Universidade do Minho, Minho. Disponível em:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>

Programa e.escola. (Acedido a 22 de Junho de 2006) Disponível em:
<http://www.eescola.pt/Default.aspx>

Seguranet. (Acedido a 22 de Junho de 2013) Disponível em:
<http://www.seguranet.pt/blog/>

Sousa, S. (2011). *Cyberbullying: o fenómeno percebido pelos professores*.
(Dissertação de mestrado em Ciências da Educação: especialização em tecnologia
educativa). Universidade do Minho. Minho. Disponível em:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19025/1/S%C3%ADlvia%20Maria%20Petiz%20de%20Sousa.pdf>

Suler, J. (2004). *The Online Disinhibition Effect*. *Cyberpsychology & Behavior*.
Disponível em:

<http://10-musketeers.wikispaces.com/file/view/The+Online+Disinhibition+Effect.pdf>

Willard, N. (2007). *The Authority and Responsibility of School Officials in Responding to Cyberbullying*. *Journal of Adolescent Health*, 41, 564-565.

Willard, N. (2011). *Cyberbullying, Sexting, and Predators, Oh My! Addressing Youth Risk in the Digital Age in a Positive and Restorative Manner*. Disponível em:
<http://www.drlizforyouth.com/documents/CyberbullyingSextingandPedatorsJuly2011.pdf>

Anexos

Índice

Introdução	6
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	8
Capítulo 1 - Do <i>bullying</i> ao <i>cyberbullying</i>	11
1.2. Tipologias comportamentais do <i>cyberbullying</i>	13
1.3. O anonimato	14
1.4. O <i>cyberbullying</i> na adolescência	15
1.5. Pais, professores e o código do silêncio	16
Capítulo 2 - <i>Cyberbullying</i> em Portugal	18
II PARTE – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	23
Capítulo 3 – Metodologia da investigação	23
3.1. Descrição do estudo	23
3.2. Objectivos e questões da investigação	24
3.3. Constituição da amostra	25
3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	25
3.5. Procedimentos da recolha de dados	27
3.6. Tratamento dos dados recolhidos	29
Capítulo 4 – Apresentação e descrição dos resultados	29
4.1. Sujeitos da amostra	29
4.2. Utilização do telemóvel e computador	30
<i>Cyberbullying</i> : incidência, ocorrência e impacto segundo as vítimas	31
4.4. <i>Cyberbullying</i> : incidência, ocorrência e impacto segundo os agressores	42
4.5. Perceção dos participantes quanto à denúncia do <i>cyberbullying</i> : a quem pedir ajuda?	43

4.6. As relações na família e o ambiente na escola segundo a perspectiva dos participantes	54
Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados	63
Bibliografia	81
Anexos.....	86

Índice de Quadros

Quadro 1 – Frequência e ocorrência do cyberbullying	32
Quadro 2 – Frequência e ocorrência do cyberbullying: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e pelo Instituto Vasco da Gama	32
Quadro 3 – Quantidade e percentagem de vítimas	33
Quadro 4 – Quantidade e percentagem de vítimas: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama	33
Quadro 5 – Incidência do cyberbullying consoante o género	34
Quadro 6 – Equipamentos usados segundo as vítimas	34
Quadro 7 – Meios utilizados segundo as vítimas	34
Quadro 8 – Autor(es) das agressões	35
Quadro 9 – Quantidade de agressores considerados colegas de escola pelas vítimas.....	35
Quadro 10 – Relação pessoal com os agressores na perspetiva das vítimas	36
Quadro 11 – Tipo de relação pessoal com os agressores na perspetiva das vítimas	36
Quadro 12 – Tipos de cyberbullying: frequência segundo as vítimas.....	36
Quadro 13 - Tipos de cyberbullying: percentagem de ocorrência no total de vítimas....	38
Quadro 14 - Tipos de cyberbullying: percentagem de ocorrência na amostra total	39
Quadro 15 – Sentimentos das vítimas perante o cyberbullying	39
Quadro 16 – Motivos evidenciados pelas vítimas de <i>cyberbullying</i> : quantidades e percentagens	41
Quadro 17 – Reações das vítimas após as agressões: quantidades e percentagens	41
Quadro 18 – Repercussões no cyberbullying após a reação das vítimas.....	41
Quadro 19 – Ano de escolaridade em que ocorreram as agressões segundo as vítimas .	42
Quadro 20 – Frequência da prática do cyberbullying segundo os agressores	43
Quadro 21 – Frequência da prática do cyberbullying segundo os agressores: comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama	43
Quadro 22 – Quantidade e percentagem de agressores e não agressores	44
Quadro 23 – Agressores e não agressores: comparação de resultados entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama	44

Quadro 24 – Cyberbullies consoante o género	44
Quadro 25 – Equipamentos usados para a prática do cyberbullying segundo os agressores	45
Quadro 26 – Meios usados para a prática do cyberbullying segundo os agressores	45
Quadro 27 – Prática do cyberbullying: individual ou em grupo	46
Quadro 28 – Destinatários das agressões segundo os cyberbullies	46
Quadro 29 – Quantidade e percentagem de vítimas/colegas de escola, segundo os cyberbullies.....	46
Quadro 30 – Relação pessoal com as vítimas na perspetiva dos agressores	47
Quadro 31 – Tipo de relação pessoal com as vítimas na perspetiva dos agressores	47
Quadro 32 – Frequência dos tipos de cyberbullying praticados pelos agressores.....	47
Quadro 33 – Tipos de cyberbullying praticados pelos agressores: quantidade e percentagem de ocorrência	48
Quadro 34 – Ocorrência dos tipos de cyberbullying consoante o género dos agressores	49
Quadro 35 – Perspetiva dos cyberbullies quanto aos sentimentos das vítimas.....	50
Quadro 36 – Motivos para a prática do cyberbullying segundo os agressores.....	51
Quadro 37 – Sentimentos gerados nos agressores aquando a prática do cyberbullying ..	52
Quadro 38 – Acontecimentos após as agressões segundo os cyberbullies.....	53
Quadro 39 – Ano de escolaridade dos cyberbullies aquando as agressões	53
Quadro 40 – As vítimas de cyberbullying e a quem podem pedir ajuda: perspetiva dos participantes.....	54
Quadro 41 – As relações na família do ponto de vista dos participantes segundo a Escala de Likert.....	55
Quadro 42 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com escala simplificada (Concordo e Discordo).....	56
Quadro 43 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama.....	57
Quadro 44 - As relações na família do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre vítimas e não vítimas	58
Quadro 45 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes segundo a Escala de Likert.....	60

Quadro 46 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo).....	60
Quadro 47 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre o Colégio Rainha Santa Isabel e o Instituto Vasco da Gama.....	61
Quadro 48 – O ambiente na escola do ponto de vista dos participantes com a escala simplificada (Concordo e Discordo): comparação entre as vítimas e as não vítimas	62

(Q. D. C.)

As crianças e os jovens utilizam diariamente as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e isso traz-lhes grandes vantagens, mas também existem situações em que através do telemóvel ou da Internet, por exemplo, alguns colegas maltratam outros, enviando mensagens (SMS, MMS, fotos, vídeos, etc.) com ofensas, calúnias, difamações, perseguições, ameaças ou quaisquer outras mensagens ou imagens desagradáveis ou privadas. Estamos a estudar este fenómeno, que se chama *Cyberbullying* e, por isso, a tua colaboração é tão importante. Este questionário é anónimo e as tuas respostas são confidenciais. Lê com atenção as perguntas que fazemos abaixo e por favor responde com a máxima sinceridade.


1. Idade _____ 2. Ano de escolaridade _____
3. Sexo:
- 3.1. Masculino
- 3.2. Feminino.....
4. Concelho onde se situa a escola _____
5. Profissão do pai _____
6. Profissão da mãe _____
7. Grau de escolaridade do pai _____
8. Grau de escolaridade da mãe _____

PARTE 1

9. Tens telemóvel?
- 9.1. Sim
- 9.2. Não.....
10. Tens computador com ligação à Internet?
- 10.1. Sim
- 10.2. Não.....
11. Com que frequências utilizas a Internet?
- 11.1. Nunca uso.....
- 11.2. Cerca de uma vez por mês
- 11.3. Cerca de uma vez por semana.....
- 11.4. Várias vezes por semana
- 11.5. Todos os dias

PARTE 2

12. Durante o último ano foste vítima de ofensas, difamações, ameaças, perseguições, por parte de alguém, através do telemóvel ou da Internet? (assinala apenas uma opção)

- 12.1. Nunca me aconteceu.....  **Avança para a PARTE 3**
- 12.2. Cerca de uma a quatro vezes por ano..
- 12.3. Cerca de uma vez por mês.....
- 12.4. Cerca de uma vez por semana
- 12.5. Várias vezes por semana.....
- 12.6. Todos os dias.....

De entre as várias situações que te aconteceram durante o último ano, pensa agora na que consideras mais grave e responde às questões seguintes

13. Que equipamento foi usado para te fazer mal?

- 13.1. Telemóvel.....
- 13.2. Computador.....
- 13.3. Telemóvel e computador.....
- 13.4. Outro. Qual _____

14. Através de que meio(s) te fizeram mal? (podes assinalar mais do que uma alternativa)

- 14.1. Chamadas telefónicas.....
- 14.2. SMS (mensagens de texto por telemóvel)
- 14.3. MMS (mensagens com fotos / vídeos por telemóvel)
- 14.4. E-Mail.....
- 14.5. Chat.....
- 14.6. Mensagens instantâneas (tipo Messenger)
- 14.7. Páginas da Internet (Facebook, Hi5, You Tube, etc.)
- 14.8. Outro. Qual ? _____

15. Quem foi o autor ou autores desses comportamentos? (assinala apenas uma opção)

- 15.1. Rapaz.....
- 15.2. Rapariga.....
- 15.3. Grupo de rapazes.....
- 15.4. Grupo de raparigas.....
- 15.5. Grupo de rapazes e raparigas.....
- 15.6. Um adulto (ou grupo de adultos)
- 15.7. Não sei quem foi.....

16. Aqueles que te fizeram mal eram teus colega(s) da escola? (assinala apenas uma opção)

16.1. Sim 16.1.1. Em que ano(s) de escolaridade andava(m) ? _____

16.2. Não.....

16.3. Não sei quem foi....

17. Tinhas alguma relação pessoal com quem te fez mal?

17.1. Sim Qual a relação (ex. namorado/a; amigo/a, etc.)? _____

17.2. Não.....

17.3. Não sei quem foi...

18. Indica, por favor, o que te fizeram através do telemóvel e/ou da Internet (em cada uma das afirmações, assinala com uma cruz a opção que corresponde ao teu caso)	Nunca me aconteceu	Cerca de 1 a 4 vezes por ano	Cerca de 1 vez por mês	Cerca de 1 vez por semana	Várias vezes por semana
18.1. Ameaçaram-me e perseguiram-me de forma repetida					
18.2. Espalharam boatos sobre mim					
18.3. Enviaram mensagens com ofensas, insultos e calúnias					
18.4. Enviaram mensagens a gozar comigo					
18.5. Fizeram-se passar por mim para me prejudicar					
18.6. Revelaram segredos ou informações sobre a minha vida privada					
18.7. Tiraram fotos minhas sem autorização para me prejudicar					
18.8 Utilizaram fotos minhas sem autorização para me prejudicar					
18.9. Alteraram e divulgaram fotos minhas para me prejudicar					
18.10. Fizeram e/ou divulgaram vídeos meus para me fazerem mal					
18.11. Excluíram-me de um grupo online (ex. Facebook, jogo, etc.)					
18.12. Prejudicaram-me com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual					
18.13. Outra situação. Qual ? _____					

19. O que sentiste? (assinala com uma cruz até 3 opções)

19.1. Senti-me triste		19.9. Senti indiferença	
19.2. Senti medo		19.10. Senti-me injustiçado/a	
19.3. Senti-me desesperado/a		19.11. Senti vontade de fugir	
19.4. Senti-me aterrorizado/a		19.12. Senti vontade de não ver ninguém	
19.5. Senti vontade de me vingar		19.13. Senti-me sozinho/a e indefeso/a	
19.6. Senti raiva		19.14. Senti-me culpado/a	
19.7. Senti insegurança		19.15. Senti-me confuso/a e perdido/a	
19.8. Senti-me humilhado/a		19.16. Outro sentimento. Qual _____	

20. Por que motivo(s) te fizeram isso? (assinala com uma cruz até 3 opções)

20.1. Falta de respeito por mim		20.9. Por ciúmes	
20.2. Por inveja		20.10. Quebra de amizades	
20.3. Divergência de opiniões		20.11. Por não gostarem de mim	
20.4. Para se divertirem		20.12. Por vingança	
20.5. Por estarem aborrecidos		20.13. Por se sentirem superiores	
20.6. Por não terem nada para fazer		20.14. Por imaturidade	
20.7. Por brincadeira		20.15. Não sei	
20.8. Por diferenças entre nós (culturais, cor da pele, sexuais, etc.)		20.16. Porque eu já o(s) tinha agredido física ou verbalmente	
20.17. Outro motivo. Qual _____			

21. O que fizeste tu a seguir? (Escolhe todas as opções que correspondem ao teu caso)

21.1. Falei com a(s) pessoa(s) e pedi para parar(em)		21.9. Deixei de usar o telemóvel e/ou Internet	
21.2. Bloqueei ou excluí o contacto		21.10. Passei a ter mais cuidado	
21.3. Conteí aos meus pais		21.11. Não fiz nada	
21.4. Apresentei queixa às Forças de Segurança (GNR, PSP)		21.12. Conteí aos meus professores	
21.5. Chorei		21.13. Alterei os meus dados (perfil, e-mail, nº de telemóvel, etc.)	
21.6. Fiz-lhe(s) o mesmo		21.14. Apaguei as mensagens, fotos, vídeos, etc.	
21.7. Conteí aos meus amigos		21.15. Contactei os fornecedores dos serviços (redes de telemóvel, gestor do site, etc.)	
21.8. Agredi fisicamente quem me fez isso		21.16. Outro. Qual _____	


21.1. O que aconteceu a seguir? (assinala apenas uma opção)

- 21.1.1. Pararam de me fazer mal
- 21.1.2. Continuaram a fazer-me mal.....
- 21.1.3. Fizeram ainda pior.....

22. Em que ano de escolaridade te aconteceu o que descreveste? _____

PARTE 3

23. Durante o último ano alguma vez ofendeste, difamaste, ameaçaste, perseguiste alguém, através do telemóvel ou da Internet? (assinala apenas uma opção)

- 23.1. Nunca  **Avança para a PARTE 4**
- 23.2. Cerca de uma a quatro vezes por ano..
- 23.3. Cerca de uma vez por mês.....
- 23.4. Cerca de uma vez por semana
- 23.5. Várias vezes por semana.....
- 23.6. Todos os dias.....

24. Que equipamento usaste para fazer isso?

- 24.1. Telemóvel.....
- 24.2. Computador.....
- 24.3. Telemóvel e computador.....
- 24.4. Outro. Qual _____

25. Que meio(s) utilizaste para fazer isso? (podes assinalar mais do que uma alternativa)

- 25.1. Chamadas telefónicas.....
- 25.2. SMS (mensagens de texto por telemóvel)
- 25.3. MMS (mensagens com fotos / vídeos por telemóvel) ...
- 25.4. E-Mail.....
- 25.5. Chat.....
- 25.6. Mensagens instantâneas (tipo Messenger)
- 25.7. Páginas da Internet (Facebook, Hi5, You Tube, etc.)
- 25.8. Outro. Qual ? _____...

26. Fizeste isso:

- 26.1. Sozinho.....
- 26.2. Em grupo.....

27. A quem é que fizeste isso? (assinala apenas uma opção)

- 27.1. Rapaz.....
- 27.2. Rapariga.....
- 27.3. Grupo de rapazes.....
- 27.4. Grupo de raparigas.....
- 27.5. Grupo de rapazes e raparigas.....
- 27.6. Um adulto (ou grupo de adultos)

28. Aqueles a quem fizeste mal eram colega(s) da escola? (assinala apenas uma opção)

- 28.1. Sim 28.1.1. Em que ano(s) de escolaridade andava(m)? _____
- 28.2. Não.....

29. Tinhas alguma relação pessoal com a(s) pessoa(s) a quem fizeste mal?

- 29.1. Sim 29.1.1. Qual a relação (ex. namorado/a; amigo/a, etc.)? _____
- 29.2. Não.....

30. Indica, por favor, o que fizeste através do telemóvel e/ou da Internet (em cada uma das afirmações, assinala com uma cruz a opção que corresponde ao teu caso)	Nunca	Cerca de 1 a 4 vezes por ano	Cerca de 1 vez por mês	Cerca de 1 vez por semana	Várias vezes por semana
30.1. Persegui e ameacei de forma repetida					
30.2. Espalhei boatos sobre ele(s)/ela(s)					
30.3. Enviei mensagens com ofensas, insultos e calúnias					
30.4. Enviei mensagens a gozar					
30.5. Fiz-me passar por ele(s)/ela(s) para o/a(s) prejudicar					
30.6. Revelei segredos ou informações sobre a vida privada					
30.7. Tirei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar					
30.8. Utilizei fotos sem autorização para o/a(s) prejudicar					
30.9. Alterei e divulguei fotos para o/a(s) prejudicar					
30.10. Fiz e/ou divulguei vídeos para lhe(s) fazer mal					
30.11. Excluí-o/a(s) de um grupo online (ex. Facebook, jogo, etc.)					
30.12. Prejudiquei-o/a(s) com mensagens, fotos e/ou vídeos de teor sexual					
30.13. Outra situação. Qual ? _____					

31. O que achas que a(s) pessoa(s) sentiu(sentiram)? (assinala com uma cruz até 3 opções)

31.1. Medo		31.9. Indiferença	
31.2. Desespero		31.10. Injustiça	
31.3. Tristeza		31.11. Vontade de fugir	
31.4. Raiva		31.12. Vontade de não ver ninguém	
31.5. Insegurança		31.13. Sozinho/a(s) e indefeso/a(s)	
31.6. Humilhação		31.14. Culpa	
31.7. Vontade de vingança		31.15. Sentiu-se (sentiram-se) confuso/a(s) e perdido/a(s)	
31.8. Sentiu-se(sentiram-se) aterrorizado/a(s)		31.16. Outro sentimento. Qual _____	

32. Por que motivo(s) fizeste isso? (assinala com uma cruz até 3 opções)

32.1. Falta de respeito		32.9. Por ciúmes	
32.2. Por inveja		32.10. Quebra de amizades	
32.3. Divergência de opiniões		32.11. Por não gostar dele/a(s)	
32.4. Para me divertir		32.12. Por vingança	
32.5. Por estar aborrecido		32.13. Por me sentir superior	
32.6. Por não ter nada para fazer		32.14. Por imaturidade	
32.7. Por brincadeira		32.15. Não sei	
32.8. Por diferenças entre nós (culturais, cor da pele, sexuais, etc.)		32.16. Porque eles me tinham agredido física ou verbalmente	
32.17. Outro motivo. Qual _____			

33. O que sentiste quando fizeste isso? (assinala com uma cruz até 3 opções)

33.1. Senti-me satisfeito/a		33.9. Senti indiferença	
33.2. Senti medo		33.10. Senti-me arrependido/a	
33.3. Senti prazer nisso		33.11. Senti que era divertido fazer o que fiz	
33.4. Senti-me triste		33.12. Senti vontade de não ver ninguém	
33.5. Senti-me zangado/a comigo		33.13. Senti-me admirado/a pelos outros	
33.6. Senti-me aliviado/a		33.14. Senti-me culpado/a	
33.7. Senti insegurança		33.15. Senti-me confuso/a e perdido/a	
33.8. Senti-me mais forte		33.16. Senti-me aterrorizado	
33.17. Outro sentimento. Qual _____			

34. O que te aconteceu a seguir? _____

35. Em que ano de escolaridade andavas quando fizeste isso? _____

PARTE 4

36. Perante situações como estas, a quem é que as vítimas devem pedir ajuda?

36.1. Aos pais		36.4. Aos professores	
36.2. A outros familiares		36.5. A autoridades policiais	
36.3. A colega(s)		36.6. Aos fornecedores dos serviços (gestor de sites, redes de telemóveis, etc.)	

36.7. A outra(s) pessoa(s). Quem? _____					
37. Como vês as relações entre as pessoas da tua família? (em cada uma das afirmações, assinala com uma cruz a opção que corresponde ao teu caso)	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	
37.1. Os meus pais/encarregado de educação procuram saber o que faço com as tecnologias					
37.2. Dialogamos abertamente uns com os outros					
37.3. Apoiamo-nos uns aos outros					
37.4. Raramente conversamos					
37.5. Os meus pais/encarregado de educação estabelecem regras para o uso das tecnologias					
37.6. Expressamos afeto uns pelos outros					
37.7. Cada um resolve os seus problemas por si mesmo					
37.8. Sinto que posso fazer tudo aquilo que quero					
37.9. Posso contar com a ajuda da minha família quando preciso					
37.10. É pouco habitual partilharmos os problemas uns com os outros					
37.11. Preocupamo-nos uns com os outros					
37.12. Quando tenho um problema os meus pais/encarregado de educação resolvem-no					

38. Como vês o ambiente da tua escola? (em cada uma das afirmações, assinala com uma cruz a opção que corresponde ao teu caso)	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente	
38.1. Sinto-me contente quando vou para a escola					
38.2. Quando temos um problema sabemos quem nos pode apoiar					
38.3. Na minha escola existem regras para o uso das tecnologias					
38.4. As pessoas sentem-se inseguras na minha escola					
38.5. Podemos dialogar sobre todos os assuntos com os professores					
38.6. As regras de convivência na minha escola são pouco conhecidas					
38.7. Na minha escola, entre os colegas, vigora a lei do mais forte					
38.8. Na minha escola há medidas para prevenir a violência					
38.9. Sinto-me um estranho na minha escola					

38.10. Na minha escola há boas relações entre todos				
---	--	--	--	--

39. Tens algum comentário, sugestão ou história sobre o cyberbullying que queiras partilhar connosco?

Muito obrigada pela tua colaboração

Ex.mo/a Senhor/a Encarregado/a de Educação:

No âmbito do Projecto PTDC/CPE-CED/108563/2008, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, dedicado à temática do *Cyberbullying: um diagnóstico da situação*, pretende dar-se início à recolha de dados junto de alunos dos ensinos básico e secundário. Este projecto será desenvolvido numa parceria entre a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e a Faculdade de Psicologia e o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Neste sentido, vimos, por este meio, solicitar a V. Exa. autorização para que o seu/sua educando/a possa participar neste estudo através da resposta a um questionário sobre a temática em análise, cujo preenchimento demorará aproximadamente 20 minutos. Garantimos que será assegurado o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações recolhidas.

Refira-se ainda que já foram obtidas as necessárias autorizações institucionais para a realização desta investigação. Se considerar necessária alguma informação adicional, solicitamos que nos contacte através do email: joaoamado@fpce.uc.pt

Caso a resposta de V. Exa. seja positiva, pedimos-lhe que preencha a autorização que se anexa a esta carta e a remeta pelo seu/sua educando/a à Direção da Escola ou ao Diretor de Turma

Agradecendo, desde já, toda a atenção dispensada a este assunto, aguardamos uma resposta breve da parte de V. Exa. e enviamos os nossos melhores cumprimentos.

Coimbra, 1 de Setembro de 2012.

P'la Equipa do Projeto
João Amado
(Prof. da Universidade de Coimbra)

DECLARAÇÃO

Eu, _____, Encarregado/a de Educação do/a aluno/a _____, declaro que autorizo a sua participação na investigação *Cyberbullying: um diagnóstico da situação*, através do preenchimento de um questionário.

_____, _____ de _____ de 2012.

O/A Encarregado/a de Educação,

P.S. É favor remeter esta autorização à Direcção da Escola através do seu/sua educando/a. Muito obrigado pela colaboração.